



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato: MARIANA DOS SANTOS SOUTO		Matricula: 011 033 029
Título do Trabalho: As representações eróticas e pornográficas para a ANCINE. Estudo de caso: "Mulher-Arte" – 1ª e 2ª temporadas		
Orientador(a): Drª. Marina Bay Frydberg		
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 03/08/2018	

BANCA EXAMINADORA

- | |
|---|
| 1º Membro (Presidente): Drª. Marina Bay Frydberg |
| 2º Membro: Dr. Leonardo Augusto Bora |
| 3º Membro: Bel. Juliana Crespo |

AVALIAÇÃO:

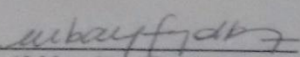
Análise / Comentário

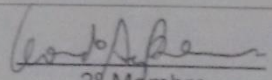
A BANCA PONTUA O BOM DESENVOLVIMENTO DO TEMA E DA ANÁLISE; DESTACA O APROVEITAMENTO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA; SALIENTA A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DA DISCUSSÃO DA PORNOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMININA; E REITERA A BOA ESCRITA DA MONOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA ACADÊMICA DO TRABALHO, INCENTIVANDO A CONTINUIDADE DAS INVESTIGAÇÕES NA PÓS-GRADUAÇÃO. RECOMENDA O DESDOBRAMENTO EM ARTIGOS E PUBLICAÇÕES.

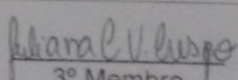
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10,00

ASSINATURAS


1º Membro (Presidente)


2º Membro


3º Membro

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S726r Souto, Mariana dos Santos
As representações eróticas e pornográficas femininas para a
ANCINE. Estudo de caso: "Mulher Arte", 1ª e 2ª temporadas
/ Mariana dos Santos Souto ; Marina Bay Frydberg, orientadora.
Niterói, 2018.
103 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2018.

1. Pornografia. 2. Erotismo. 3. Representação da mulher.
4. Produção intelectual. I. Título II. Frydberg, Marina Bay,
orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte
e Comunicação Social. Departamento de Arte.

CDD -

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL - IACS
PRODUÇÃO CULTURAL

MARIANA DOS SANTOS SOUTO

AS REPRESENTAÇÕES ERÓTICAS E PORNOGRÁFICAS FEMININAS PARA A
ANCINE

Estudo de caso: “Mulher Arte”, 1ª e 2ª temporadas

NITERÓI

2018

MARIANA DOS SANTOS SOUTO

**AS REPRESENTAÇÕES ERÓTICAS E PORNOGRÁFICAS FEMININAS PARA A
ANCINE**

Estudo de caso: “Mulher Arte”, 1ª e 2ª temporadas

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural.

Orientadora:

Profª Drª Marina Bay Frydberg

Coorientador:

Dr Leonardo Augusto Bora

NITERÓI

2018

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense, pela jornada (que foi longa) na graduação. Aos professores que contribuíram para o meu crescimento universitário.

À coordenadora do curso de Produção Cultural e também orientadora Dr^a Marina Bay Frydberg, por toda assistência dentro e fora da sala de aula.

Ao coorientador Dr Leonardo Bora, por toda a paciência nesse período de pesquisa e escrita, pela sua ajuda serei eternamente grata.

Agradeço também ao meu antigo chefe e agora amigo, do meu período de estagiária na Agência Nacional de Cinema, Leandro Mendes, por todo o respeito e pela excelente direção da equipe. E por auxiliar o meu acesso aos documentos necessários, incentivando meus interesses acadêmicos. Assim como todos da Coordenação de Análise de Direitos da agência, por impulsionarem os debates que me levaram a este tema.

E, principalmente, minha mãe, Sandra Regina, por sempre acreditar nos meus mais loucos sonhos e me apoiar. Pela sua ótima dedicação à criação de suas duas filhas, não permitindo que nos faltasse nada, sobretudo carinho e compreensão. Por todas as vezes que me amparou quando duvidei da minha capacidade e por estar sempre disponível ao diálogo. A minha melhor representação feminina.

Sou mulher, sou dona do meu corpo

E da minha vontade

*Fui eu que descobri poder e
liberdade*

*Sou tudo que um dia eu sonhei pra
mim.*

Sylvia Duffrayer

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar como a Agência Reguladora ANCINE trabalha as questões do erótico e do pornográfico na representação do gênero feminino através do estudo de caso dos projetos "Mulher Arte", aprovado em 2013, e sua obra derivada "Mulher Arte - 2ª temporada", indeferido em 2014, que possuem como proposta retratar, artisticamente, mulheres despidas de cada região do Brasil.

Palavras – chave: ANCINE. Erótico. Pornográfico. Feminino

RESUMEN

Esta investigación busca analizar cómo la Agencia Reguladora ANCINE trabaja las cuestiones del erótico y del pornográfico en la representación del género femenino a través del estudio de caso de los proyectos "Mujer Arte", aprobado en 2013, y su obra derivada "Mujer Arte - 2ª temporada", rechazado en 2014, que tienen como propuesta retratar, artísticamente, mujeres desnudas de cada región de Brasil.

Palabras clave: ANCINE. Erótico. Pornográficos. Femenino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 1

1. HISTÓRICO DA PORNOGRAFIA
 - 1.1 A “verdade” sobre o sexo, p. 5
 - 1.2 A origem da obscenidade, p. 8
2. O CINEMA PORNOGRÁFICO, p. 14
 - 2.1 Do *stag films* ao pornovideo, p. 15
 - 2.2 Pornochanchada brasileira, p. 20
 - 2.3 O mercado pornográfico e a ANCINE, p. 22
3. O ESTUDO DE CASO: “MULHER ARTE” 1ª E 2ª TEMPORADA, p. 24
 - 3.1 O que pensa a ANCINE?, p. 27
 - 3.2 Resultado e consequências para a produtora SANTA RITA FILMES, p. 31

CONCLUSÃO, p. 33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 37

ANEXOS, p.38

1. Sinopse, p. 39
2. Argumento, p. 40
3. Decupagem, p. 50
4. Relatório preliminar CPC, p. 73
5. Nota técnica CDI, p. 79
6. Relatório e voto DIRETORIA COLEGIADA, p. 85
 - Autorização para divulgação de monografia, p. 94

INTRODUÇÃO

Quando me propus a escrever sobre pornografia, no contexto de minha pesquisa de conclusão de curso de graduação em Produção Cultural, já esperava despertar curiosidade e, por que não, um certo espanto das pessoas em minha volta. Em parte, por ser um assunto que para a maioria é vinculado apenas a uma satisfação do prazer individual, retirando a “seriedade” do tema como objeto de estudo; por outro lado, há uma grande dificuldade em encontrar um corpus bibliográfico que aborde essa temática polêmica dentro dos estudos acadêmicos, o que torna a pesquisa, de saída, bastante desafiadora. Não bastasse, é fato que o tema gera desconfiança ao ser proposto por uma mulher – ecos do secular machismo, de raízes patriarcais, que impera em nosso país. O choque inicial reflete como não precisamos nos distanciar do nosso círculo social para perceber que uma mulher falando sobre sexo, com ou sem a intenção de excitação, ainda é um tabu.

Não lembro, ao certo, como se iniciou a minha educação sexual. Se foi na escola ou no âmbito familiar. Mas cresci rodeada por mulheres (mãe e tias) que conversavam sobre sexo, talvez mais como “relacionamentos”, e sempre tive abertura para esse diálogo. Isso se refletiu nas minhas relações de amizades, principalmente femininas. Muitas vezes eu não compreendia o estranhamento de minhas amigas diante das temáticas sexuais, e admito que não tinha paciência para problematizar essa vergonha do próprio corpo, o que levava a uma necessidade de “floreamento” (o uso de expressões adocicadas, mascaramentos lexicais, mesmo conselhos moralistas) quando o assunto era sexo. Pensava que o motivo de eu ser julgada, pela minha maneira de me portar diante do assunto, era por causa das outras meninas, que se resguardavam sobre ele. Isso era enxergar o problema de maneira superficial, era não perceber que no momento em que nos definimos como mulheres somos bombardeadas por inúmeras representações e passamos nossas vidas buscando nos enquadrar a determinados modelos socialmente impostos. Em resumo: em um grupo de amigos homens é perfeitamente aceitável que o sexo seja debatido exaustivamente; em um grupo de amigas mulheres, a questão ganha outros contornos.

A pornografia - e me refiro aqui, especificamente, aos filmes com sexo explícito - me foi apresentada por meio de um namorado. Não por iniciativa dele, mas por curiosidade minha. Afinal de contas, foi a maneira mais fácil que encontrei para ter acesso ao conteúdo sem ser inteiramente julgada, assistindo na companhia de um parceiro. Lembro bem como a estimulação inicial deu lugar rapidamente a uma série de críticas, assim que o filme começou. A maneira como aquele ato sexual foi reproduzido me pareceu tão errado quanto o fato de nós mulheres

não falarmos abertamente sobre isso. Tudo isso pelo mesmo motivo: a representação. Não que depois disso o meu contato com a pornografia tenha se esgotado, mas a solução foi consumi-la com uma visão menos crítica.

Todos os meus questionamentos sobre as representações do sexo voltaram a ser impulsionados durante a minha vida acadêmica no curso de graduação em Produção Cultural, na Universidade Federal Fluminense. No ano de 2014, cursei uma disciplina optativa, “Mídia e Pornografia”, oferecida pela professora Mariana Baltar, onde foram analisados o mercado e as práticas de consumo desse segmento. A matéria foi fundamental para um aprofundamento teórico sobre o tema e para a aprendizagem da estrutura deste mercado. Além disso, tomei ciência de outras maneiras de se produzir pornografia. Ouvi falar de coletivos, artistas e movimentos que se propõem a reformular essa “visão pornô” de sexo heteronormativo masculino, colocando em voga uma discussão política dentro dessa “forma de arte” (e a pesquisa também considerará essa dimensão possível – o entendimento da pornografia enquanto manifestação artística, a depender da perspectiva adotada), preocupando-se em entender a sociedade através dos papéis sociais debatidos pelos mais variados teóricos. Ressalto que a disciplina era ministrada por uma professora, com uma turma composta por homens e mulheres, sendo a primeira vez que estive presente em um ambiente onde o discurso sobre o sexo me pareceu ocorrer de formar sensata e horizontal. A partir deste momento direcionei o meu aprendizado não só à análise de filmes *hard core*¹, mas também a qualquer outra obra audiovisual cuja presença do corpo feminino objetificado era exposta de forma constante.

A escolha do estudo de caso, "Mulher Arte" - 1ª e 2ª temporadas, não ocorreu simplesmente por se tratar de uma série documental que, como aponta a produtora responsável, Santa Rita Filmes, em seu *website*, "mistura arte, paisagens, hábitos e crenças sob o olhar multifocal do artista plástico Pedro Henrique Moutinho, que percorre 10 cidades do país em busca da beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local"², mas também por focar na imagem feminina sexual, tornando-se merecedora de análise. Acontece que durante o ano de 2015, até início de 2016, fiz parte do grupo de estagiários da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), na Coordenação de Análise de Direitos, e pude acompanhar de perto a polêmica gerada ao redor da série.

¹ Nuno César Abreu conceitua, em seu livro *O olhar pornô* (1996), que dentro deste mercado os produtos podem ser classificados como eróticos (*soft core*) e pornográficos (*hard core*).

² www.santaritafilmes.com.br/mulher-arte (acessado dia 05/10/2016).

A agência é responsável por fiscalizar, regular e fomentar o mercado audiovisual brasileiro. Toda obra audiovisual, que busca o incentivo fiscal em seu financiamento, necessita passar por aprovação na ANCINE. Durante o período em que lá estive, discutia-se o indeferimento da segunda temporada do "Mulher - Arte". Este projeto teve a peculiaridade de não ser aprovado baseado no que foi produzido em sua primeira temporada, sob a justificativa de que o argumento (documento exigido para análise de todo projeto) apresentado não era condizente com o conteúdo da série que foi exibida na televisão. O que a proponente do projeto não especificou para a agência é que, durante os episódios, as mulheres selecionadas em cada região realizariam um ensaio nu e seminú para serem artisticamente retratadas pelo artista visual Pedro Henrique Moutinho. Sendo assim, considerada pela agência como uma obra "de cunho pornográfico" e de "objetificação" feminina. A produtora, apesar de ter acatado a decisão da ANCINE, insiste que a obra não se trata de pornografia, porém de erotismo. Pude observar que as opiniões referentes ao indeferimento do projeto divergiam também entre os próprios analistas da agência, que não chegavam a um consenso. Logo percebi que era necessário um estudo mais completo sobre o tema, ainda mais por ser tratar de um assunto que há algum tempo me instigava, a representação do sexo feminino no mercado audiovisual.

Muitos autores já buscaram traçar uma linha capaz de separar o erótico e o pornográfico. Estabelecendo conceitos, definindo padrões, de todas as formas tenta-se organizar de maneira clara cada um desses termos. Sabendo que ao me aprofundar nesse assunto percorro questões sociais e morais, que de fato são os meios que constroem os valores de erotismo e pornografia, esta pesquisa busca, entre outras coisas, compreender como a Agência Nacional de Cinema se posiciona diante desse assunto, considerando que ela mesma tem como missão desenvolver o audiovisual em benefício da sociedade brasileira.

Pretendo, desse modo, começar com um histórico do surgimento da pornografia, para compreender como o seu conceito é fragmentado (ou melhor é dizer dizimado?) na sociedade atual. É importante fazer esse percurso para esclarecer que muito mais do que algo vinculado ao obsceno, este segmento também está ligado às relações de poder, tendo como base autores como Michel Foucault e Lynn Hunt. Além disso, essa parte da pesquisa esclarecerá como as representações eróticas e pornográficas femininas (e toda a sua sexualidade)

sempre foram apresentadas sob uma perspectiva masculina, refletindo o comportamento moral e social.

Em seguida, analisarei o mercado audiovisual pornográfico brasileiro. Passarei olhos pela sua construção, desde o cinema das pornochanchadas até a introdução do pornovídeo. Tal apanhado histórico se faz necessário para delimitar, de alguma maneira, como a ANCINE acompanha e atua nesse mercado.

No terceiro capítulo, as lentes focarão a análise da série "Mulher Arte", para tratar da sexualidade feminina e da sua representação dentro das obras audiovisuais, debatendo se é possível entender que, ao contrário do que sugere a ANCINE, a nudez retratada na série também permite colocar as mulheres como protagonistas de sua sexualidade – e não como meros objetos. Para isso, pretende-se questionar até que ponto a agência reguladora se preocupa de fato com a visibilidade feminina, tendo em vista outros projetos que receberam incentivos fiscais e contribuíram para a retratação da mulher como consumo e com superficialidade. A pesquisa busca compreender como a ANCINE define os conceitos de erótico e pornográfico, mesmo em se tratando de uma questão que envolve valores sociais e morais, sendo que a agência também deveria considerar a pluralidade que abrange o mercado audiovisual.

A maior dificuldade a ser enfrentada nessa investigação se deve ao denso conteúdo documental coletado na ANCINE (758 páginas no total), que no mais das vezes apresenta repetições devido à burocracia administrativa. O desafio aumenta devido ao fato de que todo o acervo da Agência passou por um processo de digitalização no ano de 2016, o que ocasionou uma desordem cronológica em alguns documentos.

Por fim, não anseio chegar a um “ponto comum” sobre pornografia e erotismo, mas espero contribuir para as reflexões acerca da representação feminina dentro de uma cultura onde a sexualidade é, indiscutivelmente, um mercado lucrativo. Dando a importância de, como mulher, também me posicionar nesse local de fala, ao invés de acompanhar discussões de maneira superficial e apartada.

1. Histórico da pornografia

1.1 A “verdade” sobre o sexo

Ao falar em pornografia, quase que automaticamente vem à mente a cena de um homem forte, com olhar sedutor e fala *sexy*, usando uma camisa justa que realça o seu corpo atlético, às vezes até sem portar esta vestimenta. Ao encontrar uma mulher, numa breve troca de palavras ou até mesmo com a ausência de diálogo (e os mais variados fetiches sociais são utilizados para a composição das cenas), começam a fazer sexo de maneira voraz, quiçá violenta. Com direito a muitos *closes* genitais, essas cenas são lembradas pela surpreendente performance, principalmente da parte feminina, uma vez que as atrizes se mostram dispostas a fazer tudo o que o parceiro propõe. Este é o imaginário construído na sociedade sobre pornografia: o ato de fazer sexo sem necessidade de sentido, cenas em que o prazer está relacionado diretamente ao gozo e ao alcance da satisfação máxima do espectador. As mulheres são submissas e não questionam as “vontades” dos homens.

A pornografia, todavia, levou alguns anos para alcançar essa percepção. Michel Foucault, ao estudar a história da sexualidade,³ aponta que até o início do século XVII existia uma certa tolerância para com a obscenidade. Segundo o teórico francês, um discurso obsceno não necessariamente carregava a ideia de “vergonha” – o que pode ser observado na produção literária de autores como Rabelais; foi com a ascensão da burguesia vitoriana que o controle sobre o sexo se tornou mais rígido, limitando o local de fala do tema a lugares específicos. A pornografia, que é um conceito ocidental, portanto, surge como uma transgressão a essa repressão: "se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada".⁴ Ou seja, rechaçar a pornografia como um tipo de arte está correlacionada aos anos de tentativas de silenciamento e aos mecanismos de poder atrelados à moral religiosa.

Não é possível estabelecer, na história da humanidade, alguma data específica ou fato que tenha determinado o surgimento da primeira pornografia,

³ FOUCAULT, Michel. "História da Sexualidade 1. A vontade do saber". Rio de Janeiro: Graal, 1999.

⁴ Idem, p.12

por se tratar de uma questão de moralidade e esse termo ser mutável. O que é possível fazer é esboçar um percurso de como a pornografia ocidental se consolidou através da história. A pornografia se fez presente na Antiguidade e, como aponta Eliane R. Moraes e Sandra Lapeiz, até mesmo em algumas passagens bíblicas é possível observar acordes pornográficos:

No Antigo Testamento, por exemplo, são encontradas várias descrições da prostituição, o que demonstra que as prostitutas constituíam-se num grupo reconhecido pela sociedade hebraica [...] Há ainda o famoso julgamento do Rei Salomão sobre a posse de uma criança que lhe é trazida por duas prostitutas que reivindicam a maternidade. E a estes, seguem - se outros tantos casos...⁵

A palavra “pornografia” tem origem do grego, *pornographos*, que se refere aos escritos sobre as prostitutas⁶. Mesmo sendo uma constante na literatura antiga, o uso do termo não evitou que, atualmente, a palavra adquirisse um estigma marginalizado. Por outro lado, a palavra “erotismo” remete ao grego Eros, o deus do amor, e apesar desta carregar consigo o status de arte, os dois conceitos se propõem a falar do mesmo assunto: a sexualidade. Nuno Cesar Abreu aponta que a fronteira entre os dois é ambígua por não depender exclusivamente de sua mensagem, mas do seu receptor. Os dois termos, nesse sentido, tem em sua essência a ideia de atuar com o secreto, seja trabalhando a sexualidade com devassidão, como na pornografia, ou de maneira lasciva, como o erotismo traz. Os dois conteúdos parecem revelar o que não devia ser dito, expondo os desejos.

Historicamente, as formas como os desejos foram expostos e a “verdade” sobre o sexo foi produzida, ocorreram distintamente nas sociedades orientais e ocidentais. Enquanto no Oriente a verdade era extraída de uma *ars erotica*, para o Ocidente ela foi elaborada através de uma *scientia sexualis*. Na arte erótica, a verdade é pensada como o próprio prazer, não se prendendo ao que é permitido ou proibido: o prazer é uma experiência que ecoa no corpo e na alma; ele deve permanecer secreto para que não perca a sua eficácia e virtude. Assim sendo,

⁵ MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. “O que é pornografia?”. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. P. 17-18

⁶ ABREU, Nuno César. “O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”. Campinas: Mercado das Letras, 1996. p.15

Michel Foucault (1999) explica a importância do mestre dentro da arte erótica, que está ali para transmitir o segredo do sexo, através de orientação, para que o discípulo possa caminhar e usufruir dos efeitos dessa arte, tendo domínio do corpo, gozo excepcional.

No Ocidente, o discurso da ciência sexual se sobrepôs à arte erótica. Vinculada à confissão religiosa, a sociedade sempre criou métodos para incluir a fala do sexo para a produção da verdade. A *scientia sexualis* leva o discurso do sexo para as igrejas, tribunais, escolas e consultórios, em função de uma forma de poder-saber. A incitação a essa fala, muito mais do que criar um arquivo dos prazeres sexuais, restringiu a liberdade do indivíduo por ser atrelada a uma moral. O ato da confissão, como aponta Foucault (1999), requer um ouvinte, desenrolando uma relação de poder, pois este não é somente o interlocutor, mas quem também avalia e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar, seja ele o padre, o juiz, o pedagogo ou o médico. O pretexto médico classificava aberrações, perversões, anulações patológicas diante da sexualidade, gerando uma confissão que, além de multiplicar a verdade sobre o sexo, trouxe uma série de interdições e medos, pois revelava os hábitos e manias ocultos de toda uma sociedade. Os corpos que não se enquadravam nas tabelas prescritas eram (e ainda são) considerados anormais ou desviantes, aos olhos da moral vigente.

O segredo é um ponto comum na produção da verdade sobre o sexo nas culturas oriental e ocidental. Porém, na *ars erotica* a relação entre o mestre e o confidente não acontecia de forma hierarquizada; a restrição desse local de fala para o sexo servia para que fosse criado um vínculo e o conhecimento adquirido pelo discípulo fosse aprimorado. O prazer na arte erótica não lhe é negado pelo poder do interlocutor, porque “o que ela supõe como segredo não está ligado ao alto preço do que tem a dizer, nem ao pequeno número dos que merecem beneficiar-se, mas à sua obscura familiaridade e à sua abjeção geral”.⁷

Num movimento contrário atua o discurso da *scientis sexualis*, que durante muito tempo teve no seu segredo a intenção de penitência. Michel Foucault (1999) aponta em seus estudos sobre a sexualidade que o início da produção da verdade dentro da sociedade ocidental ocorreu através do desenvolvimento de técnicas de confissão, sendo regulamentada pelo Concílio

⁷ FOUCAULT, Michel. “História da sexualidade 1. A vontade do saber”. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 62.

de Latrão em 1215. Ao menos uma vez ao ano o indivíduo confessava seus segredos à Igreja para receber a penitência pelos seus pecados, donde se percebe que não é vista, nesse caso, a intenção de aprimorar o prazer do indivíduo, mas apenas de controlá-lo pela sua imoralidade.

Nuno Cesar Abreu concorda com Foucault e entende que o sujeito ocidental se adaptou à técnica de confissão, sendo levada para o plano discursivo científico. Segundo ele, a ciência adquiriu, aos poucos, um teor tão moralizante e controlador quanto o discurso religioso, o que pode ser exemplificado pelos estudos de obstetrícia⁸. A prática médica pretendia assegurar “o vigor físico e a pureza moral”, a escuta sobre o sexo permitia à ciência compreender noções de higiene da população e a proteção dos males venéreos. Por outro lado, tal discurso científico ocultava o racismo, o machismo e demais preconceitos, acuando “portadores de taras” e “degenerados”, corpos que precisavam ser apartados da população “saudável” e “normal”. O discurso científico sobre o sexo, muito mais do que expandir o leque de conhecimentos, pretendia mantê-lo na obscuridade. De fato, muito se falou sobre o sexo nos tratados médicos dos séculos XVIII e XIX, por exemplo, mas de forma “mascarada”, punitiva, reforçando a individualização do poder. A verdade do sexo dentro deste discurso se preocupava muito mais com a sexualidade do que com a intensidade e realização do prazer – tabu que seria enfrentado pelas proposições freudianas.

1.2 A origem da obscenidade

Lynn Hunt conceitua, em seu livro “A invenção da Pornografia” (1999), que a definição de pornografia como “representação explícita dos órgãos e das práticas sexuais para estimular sensações”⁹ foi consolidada em meados do século XVIII e início do XIX. Antes disso, a pornografia era uma ferramenta utilizada para criticar as autoridades políticas e religiosas, fruto da repressão sexual que acabou sendo criada pelo discurso da verdade:

⁸ Sobre o assunto, ver MARTINS, Ana Paula Vosne. “Visões do Feminino”. A medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

⁹ HUNT, L. A. Invenção da Pornografia. Hedra, 1999. p. 10.

[A pornografia] emergiu lentamente como categoria distinta nos séculos entre o Renascimento e a Revolução Francesa, por causa, em parte, da difusão da própria cultura impressa. O desenvolvimento da pornografia ocorreu a partir dos avanços e retrocessos da atividade desordenada de escritores, pintores e gravadores, empenhados em pôr à prova os limites do “decente” e a censura da autoridade eclesiásticas e secular.¹⁰

O surgimento da pornografia está correlacionado aos adventos da modernidade na Europa e com a prática literária, apesar desse assunto (sexualidade e sensualidade) ser recorrente em diversos lugares e tempos. Lynn Hunt aponta que as principais fontes da tradição pornográfica e de sua censura podem ser encontradas na Itália do século XVI e na França e Inglaterra dos séculos XVII e XVIII. A literatura pornográfica acompanhou momentos importantes do Renascimento, Revolução Científica, Iluminismo e Revolução Francesa. Seu conteúdo era uma afronta à ciência, à política e à filosofia, além de evidenciar as diferenças de gêneros. Por isso seus autores travaram “batalhas” contra policiais, padres e outros representantes da moral e da ordem, sendo considerados hereges, libertinos e livres-pensadores. A censura que a pornografia sofria nos tempos medievais, portanto, não era em nome da moral e da decência, mas devido à religião e à política (a necessidade da manutenção do poder verticalizante). Compreender a perspectiva histórica da pornografia é fundamental para revelar características da sociedade moderna diante do seu comportamento ora repressor ora objetificador do corpo feminino.

É praticamente impossível não citar o nome de Pietro Aretino quando se trata de percorrer o histórico da origem da pornografia. O escritor italiano do século XVI¹¹ é um dos mais citados pelos estudiosos devido às suas duas obras pornográficas que se tornaram modelos para outros autores pornográficos. *Ragionamenti* (1534 – 1536) é um livro em prosa que narra, em diálogo e de forma satírica, a conversa entre uma velha experiente e uma jovem inocente. A primeira parte, que trata das vidas das prostitutas, teve uma grande circulação por diversos países, popularizando a escrita em diálogo no gênero pornográfico. Sua outra obra, escrita em versos, é um soneto que Aretino escreveu quando imagens pornográficas de variadas posições sexuais se propagaram sem nenhum texto e foram rapidamente vinculados ao escritor. As “Posições de Aretino”,

¹⁰ HUNT, Lynn. “A invenção da Pornografia”. Hedra. 1999, p. 10.

¹¹ HUNT, Lynn. p.25.

como ficaram popularmente conhecidas as gravuras, foram prontamente censuradas pelo Papa, porém inúmeras vezes mencionadas em outras obras, séculos depois. Não é equivocado dizer que a proibição despertava ainda maior interesse do público leitor.

Trazendo descrições bem explícitas das condutas e dos órgãos sexuais, as obras pornográficas de Aretino, à primeira vista, poderiam não se distanciar da definição que temos do gênero atualmente. Mas em pleno período renascentista o italiano escrevia sobre o tema intencionalmente de forma subversiva, criticando a política e a religião. Os sonetos, por exemplo, só foram escritos depois que o autor tomou conhecimento da prisão do ilustrador das gravuras, redigindo-os deliberadamente para acompanhá-las.

Aretino desempenhou papel importante na escrita pornográfica por atrair um público leitor específico – que se fortaleceria com o advento da impressão – e por popularizar a sátira política. Esta pornografia era baseada em modelos clássicos, onde prostitutas eram descritas como observadoras privilegiadas da vida social¹². É interessante notar como a presença de uma categoria repelida em nossa sociedade ganhava posição de destaque como mulher experiente, capaz de ensinar e criticar a ordem vigente.

A literatura pornográfica não encontrou barreiras, apesar da maior parte dos escritos estarem relacionados a autores italianos, ingleses e franceses. A dificuldade ao se pesquisar sua origem consiste em saber a real autoria das publicações, tendo em vista a perseguição às pessoas que contribuíam para essa arte. O seu desenvolvimento ocorreu a partir de avanços e retrocessos das atividades desordenadas desses artistas que testavam o limite da censura das autoridades. E mesmo assim, as traduções eram feitas rapidamente. O crescimento dessa literatura aconteceu num período muito curto, tanto que, de acordo com Lynn Hunt (1999, p.34 apud Steven Marcus, 1974, p.282), esse gênero era uma “paródia louca da experiência nova e íntima resultante dessas mudanças sociais”. O próprio Iluminismo se alimentou dessa fonte para questionar os dogmatismos político e religioso; na verdade, ele foi favorável a essa escrita por impulsionar de maneira liberal os desejos sexuais e por acreditar

¹² O mesmo tema é trabalhado pelo escritor brasileiro João Guimarães Rosa na obra “Dão-Lalalão”, que apresenta a sábia prostituta Doralda.

que uma repressão a esse impulso era desproposita para a felicidade do indivíduo.

Outro ponto importante é pensar quem era o público leitor da pornografia, lembrando que nessa época – do século XVI a meados do século XVIII – poucas pessoas tinham acesso à educação e eram letradas; logo, apesar de atualmente a pornografia ser amplamente acessível e a sua produção não requerer grandes custos (o que reforça a problemática ideia de que se trata de um subproduto cultural cujo público consumidor é inculto), em sua origem somente as pessoas com grande poder aquisitivo, alfabetizadas, tinham acesso à literatura pornográfica.

Lynn Hunt ainda aponta que esse tipo de escrita floresceu concomitantemente ao desenvolvimento da narrativa romântica. Acreditava-se também que as mulheres estariam mais sujeitas a se interessarem pela literatura de romance do que pela pornográfica, pois a primeira trataria das relações de forma mais delicada e menos descritivas, já estereotipando que a sexualidade feminina está muito mais ligada ao emocional do que ao carnal, como seria a dos homens. Isso ajuda a esclarecer o porquê de até hoje associarmos o público feminino aos filmes eróticos e aos romances adocicados, não pornográficos, mesmo quando pesquisas mostram o crescimento do consumo de produtos pornográficos por parte das mulheres.

Se desde aquela época se taxava que o romance era voltado para mulheres e a pornografia voltada para os homens, não é de se estranhar que essa escrita esteja historicamente concentrada nas mãos de autores do sexo masculino. Como Michel Foucault expôs em sua pesquisa, o direito à fala da sexualidade estava concentrado em certos lugares e restrito a certas pessoas. Os livros pornográficos, por mais que tenham como roteiro comum o diálogo entre mulheres, no mais das vezes foram escritos sob o ponto de vista masculino. Não se trata de uma liberação sexual feminina com personagens abertos a esses diálogos, mas sim de descrições que agradam o imaginário do homem. Essa literatura se concentrava no desejo masculino, em suma. A mulher não era narrada como protagonista do seu próprio prazer ou da sua própria sexualidade; com isso, solidificava-se uma perspectiva de sociedade falocêntrica que objetivava docilizar o corpo feminino. Se pensarmos em alguns romances românticos do século XIX, como “O Primo Basílio”, de Eça de Queiroz (obra

que possui descrições de atos sexuais julgadas bastante ousadas, até mesmo indecentes, pela sociedade lisboeta da época), não é de estranhar que o adultério feminino terminasse com a morte. A mulher adúltera (Luizinha), que se entregava aos prazeres carnavais fora do casamento, merecia morrer; o homem adúltero (Basílio), terminava gozando os prazeres de novas relações sexuais com mulheres casadas. No caso do romantismo brasileiro, impossível é não pensar em “Lucíola”, a prostituta de José de Alencar, que também encontrou a única absolvição possível no seu leito de morte.

A Revolução Francesa foi um marco para a difusão da pornografia. Lynn Hunt diz que as duas, a Revolução e a pornografia, de certa forma foram até companheiras involuntárias. A pornografia política ajudou a provocar a Revolução e a abalar a legitimidade do Antigo Regime. Nesse período, a pornografia mostrou-se ainda mais truculenta contra príncipes, cortesãos e, principalmente, contra a rainha Maria Antonieta, chamada de “prostituta austríaca”. Isso não indica que a literatura pornográfica explícita foi deixada de lado, pelo contrário; por ser menos ameaçadora do que as escritas voluntárias revolucionárias, acabou alcançando um outro público, que até então não a consumia. Explica a autora:

A pornografia francesa do Antigo Regime parecia essencialmente subversiva como gênero, porque se baseava na filosofia materialista e muitas vezes criticava padres, freiras e aristocratas. Durante a Revolução, a pornografia política proliferou cada vez mais e estendeu seu público até as classes populares. Ao mesmo tempo, contudo, começou a se afastar da política, talvez em consequência do grande sucesso do ataque pornográfico contra o Antigo Regime.¹³

Com o término da Revolução e a subida ao poder de Napoleão Bonaparte, formou-se uma nova conjuntura em relação à pornografia. Os textos críticos ficaram de lado e sobraram apenas os explícitos. Nessa época, seriam definidos os contornos do termo “pornografia” moderno, que utilizamos até hoje. Até então abrangendo qualquer escrita filosófica, política e moral que fosse contra os princípios do poder, passou a ser lido como uma categoria para obras cujo único

¹³ HUNT, Lynn. “A invenção da Pornografia”. Hedra. 1999, p. 333.

objetivo era provocar excitação. Consecutivamente, a palavra “pornografia” acabou sendo perseguida por atacar a moral e os “bons costumes”.

Pode-se pensar, então, em saltos temporais: da escrita para a fotografia, depois para os cinemas e, finalmente, o pornô na privacidade do lar, com os vídeos em fitas cassetes e, atualmente, no século XXI, nos sites da rede mundial de computadores. O ato de falar sobre sexo não foi silenciado; a pornografia é hoje entendida enquanto um reflexo da sociedade, por isso a importância de sempre contextualizar a análise. Além disso, é fato que está ligada a relações de poder e à dominação falocêntrica. Numa história onde mulheres sempre tiveram que batalhar arduamente pelos seus direitos e por representatividade política, não seria diferente, infelizmente, nesse universo temático.

2. O cinema pornográfico

Rodrigo Gerace¹⁴ aponta que os primeiros passos para o cinema erótico/pornográfico aconteceram com a articulação da linguagem fotográfica e a reprodução técnica do registro da imagem em movimento. Enquanto o cinema erótico é “protegido” pelo “enfoque artístico” com que trata os desejos sexuais, o cinema pornô é classificado pela obscenidade do seu realismo. Todavia, dentro do cinema, uma “chave” importante para se lembrar é o simulacro do real que essa arte propõe. Se por um lado o erotismo dramatiza o sexo sem o trazer de forma explícita, permitindo a fantasia, o discurso simbólico, por outro, na pornografia existe uma cena real de sexo inserida no contexto ficcional. Para ambas, apenas a verossimilhança da representação é capaz de despertar o desejo, e a luta pela delimitação entre o que é erótico e o que é pornográfico aponta para uma tentativa de validar um poder por meio da distinção sociocultural, conforme mencionado por Rodrigo Gerace¹⁵, citando Jorge Leite Jr¹⁶: “Sendo erotismo e pornografia os dois lados de uma moeda de prazeres, desejos e comportamentos, a pornografia é sempre o lado maldito”. A pornografia, nesse duelo classificatório, é vista como algo negativo e perigoso, o que também é explicado por Eliane Moraes e Sandra Lapeiz¹⁷, que citam uma fala do escritor francês Alain Robbe: “Pornografia é o erotismo dos outros”.

Ao tratar de gênero no cinema, Nuno César Abreu (1996) especifica que cada um traz uma organização e ruptura, sistema onde é criado um conflito que deve ser resolvido. Nos filmes de detetives, a presença de um enigma e a investigação; no *western*, a civilização e o selvagem; nos filmes pornográficos, o sexo é mostrado como um problema e a prática dele seria sua solução - sua narrativa, portanto, ocorre através da relação e da oposição entre os sexos, resultando nas performances. María Elvira D. Benitez assim descreve a sequência dessas cenas:

A performance coreográfica inicia-se com beijos rápidos e ardentes na boca. A velocidade nos beijos é a regra. Com isto, o

¹⁴GERACE, Rodrigo. “Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo”. 1. Ed – São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015. P.40.

¹⁵ Idem, p. 46.

¹⁶ J. Leite Jr., “Das Maravilhas e Prodigios Sexuais”, p. 34.

¹⁷ MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. “O que é pornografia?”. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985, p.08.

sexo pornográfico procura diferenciar-se do “doméstico”, ou seja, daquele que, segundo o imaginário social, é efetuado rotineiramente por um casal (unidos por afetos) na intimidade de seu quarto [...]. Por esta razão, na pornografia, os beijos ocupam muito pouco tempo de fita, funcionando como um signo que evidencia a excitação dos performers. [...] No pornô, o sexo não pretende mostrar nenhum sentimento recíproco entre os praticantes, além do tesão (DÍAZ – BENITEZ, María Elvira, 2010, p.161).

A não distinção entre o real e o representado é o que o torna o cinema pornográfico tão criticado, principalmente por parte das mulheres que não enxergam nessa pornografia a sua representatividade e acabam por sofrer dentro de uma sociedade que decodifica estes vídeos como “verdade” ou “modelo ideal/desejado” de ato sexual. Como a maior parte dessa produção é voltada para o público heterossexual masculino, a relação de poder falocêntrica minimiza o prazer feminino, transformando a experiência sensorial por essas imagens praticamente inexistente. E é somente através dos estudos deste gênero cinematográfico que, como menciona Mariana Baltar em seu artigo “Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino”¹⁸, se pode problematizar a narrativa e retirá-la do seu lugar privilegiado, mudando as lentes para a sua dimensão política e o consumo.

2.1 Do *stag films* ao pornovideo

O cinema revelou a fascinação pelos movimentos dos corpos. A projeção da figura humana levantou a curiosidade diante da captação da vida, como registra Nuno César Abreu¹⁹: “O movimento das coisas e dos corpos, especialmente do corpo humano – uma dança, uma briga, um beijo, um espirro, um olhar gracioso -, este *show* já continha algo de espetacular.”

O autor ainda indica que já nos primórdios do cinema as estruturas das narrativas passaram a se tornar mais presentes, para além da mera sequência de imagens em movimento, tratando as películas de assuntos como drogas e doenças venéreas. Difundia-se, assim, um lado mais pedagógico:

¹⁸ BALTAR, Mariana. “Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino”. Significação – Revista de Cultura Audiovisual, v.42, p. 129. 2015.

¹⁹ ABREU, Nuno César. “O olha pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 43.

[...]por exemplo, na série francesa *Positions*, onde, tendo gravuras como apoio, um doutor sexólogo comenta longamente as evoluções de um dócil casal, enquanto a câmera fixa enquadra em plano médio o conjunto dos dois corpos nus. As genitais permanecem invisíveis. A posição dissimula a ação.²⁰

E ao lado dessas produções documentais, que continham uma pornografia no sentido de transgressão, sob a ótica da ciência e da moral, como já era conhecida nos estudos sobre o histórico da literatura pornográfica apontado por Lynn Hunt, também foi crescendo a modalidade *stags films*, realizados ilegalmente em ambientes fechados e voltados para um grupo seletos de homens, sendo considerados os “legítimos ancestrais dos filmes de sexo explícito de hoje”.²¹

Os *stags films* eram curtas com narrativas simples, mudos, em preto e branco, com concepção teatral, difíceis de serem catalogados devido à clandestinidade de suas produções. Remontam ao início do século XX e ocorreram internacionalmente. O nome foi originado em despedidas de solteiro (*stag nights*) e festas libertinas para homens (*stag parties*), que exibiam estes filmes²². Curiosamente, tais películas ficaram marcadas pelo seu alto custo de produção, uma vez que eram filmadas com equipamentos caros e que naquela época não existiam “atores pornográficos”, mas pessoas que estavam dispostas a se deixarem filmar, como prostitutas. Embora atualmente, como Maria Elvira relata, ainda seja muito comum ocorrer o “recrutamento” de atores e atrizes em ambientes com trabalhadores do sexo, os produtores desta indústria classificam as pessoas que chegam a essa rede por categorias: Nível A, B elevado, B e C:

[...]os primeiros seriam: pessoas que têm família, têm uma vida social razoável [...] categoria que se confundiria e intrincaria com aquela que ele chama de *nível B elevado*. [...] O nível B, por sua vez, seria composto por aqueles que têm famílias, mas estão desempregados e necessitam vender o corpo para manter a casa, para ajudar nas despesas da casa. [...] Nível C seriam as pessoas que “não têm nenhum tipo de cultura”, “nenhum tipo de leitura”. São induzidas a praticar sexo por um valor muito baixo;²³

²⁰ Idem, p. 44.

²¹ Idem, p. 45.

²² GERACE, Rodrigo. “Cinema explícito: representações cinematográficas do sexo”. – 1 ed. – São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p.65.

²³ DÍAZ – BENITEZ, María Elvira. “Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro”. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 69 – 70.

Para os *stags films* era comum o uso do *voyeur*, tanto que a maioria dos filmes se iniciavam com imagens de lunetas, binóculos ou buracos de fechadura, levando o espectador para dentro da cena. Outra característica é a não linearidade das cenas - o ato sexual começava e terminava sem coerência narrativa, como aponta Nuno Abreu:

[...]as sequências explícitas propriamente ditas (*show genital*) são marcadas por um alto grau de descontinuidade temporal, produzido por bruscas mudanças de enquadramento, de iluminação e cortes desconexos, oferecendo uma representação confusa do ato sexual.²⁴

Essa ausência de continuidade transforma a experiência com os *stags* muito mais “espetacular” do que “fílmica”, uma vez que o espectador é testemunha de ações sexuais, e não o leitor de uma narrativa elaborada.

A imagem feminina nestes filmes era associável ao que já fora apresentado ao longo das literaturas pornográficas. Observavam-se mulheres objetificadas, marcadas pela ausência de qualquer afetividade, estimuladas através do prazer que poderiam ocasionar nos homens, e não pelo “autoprazer”. Por isso, eram até comuns as cenas de lesbianismo, desde que em algum momento o homem aparecesse para participar, ou que elas soubessem que estavam sendo observadas por um homem. Os *stags films*, portanto, serviam muito mais como uma iniciação sexual masculina do que como qualquer outra coisa.

Embora polêmicos e transgressores para a época (daí a importância de sempre ser analisado o contexto histórico), atualmente os *stags films* tem mais valor histórico e documental para estudos do que “potencial pornográfico” (possivelmente, o consumidor atual riria das cenas filmadas). Isso se deve, em parte, à qualidade fílmica: os avanços tecnológicos e cinematográficos tornam as imagens dos *stags* relativamente confusas, tanto que é possível encontrar as películas até mesmo em sites como o *Youtube*, apesar das cenas de sexo explícitas. Isso diz respeito ao que, de certa forma, explica Paula Sibila em um estudo sobre o que é obsceno na nudez, ao expor o valor sexual que obras de arte

²⁴ ABREU, Nuno César. “O Olha pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 46.

religiosas receberam em função de cada época, revelando o que está por trás do incômodo em ver um corpo nu:

A geneologia traçada rapidamente neste ensaio sugere que, apesar das constrações que marcavam o cotidiano da vida medieval, os habitantes daquele universo não julgavam com rigor moralizante a nudez exposta em certas imagens que os assistiam em sua devoção religiosa.²⁵

Nesse caso, a pornografia dos *stags films*, na contemporaneidade, perde o teor sexual da nudez exposta, uma vez que o olhar direcionado para essas produções não é mais carregado com a moralidade do nosso cotidiano, mas com a curiosidade histórica.

O progresso fílmico levou ao que se chama de “cinema *mainstream*” - e o cinema pornográfico se aproveitou dessa moda. A estética foi aprimorada, assim como sua narratividade, o que permitiu que as exposições passassem para o circuito comercial, deixando a marginalidade dos “espaços pervertidos” e possibilitando uma certa alteração do seu público. Roberto Gerace salienta que o cinema *mainstream* continuou a representar o desejo sexual, dramatizado por meio de corpos nus, casais namorando na cama, jogo de sedução, beijos prolongados²⁶. Devido ao Código Hays – conjunto de restrições sexuais que foram impostas nos Estados Unidos no ano de 1934 – os filmes eróticos e pornográficos passaram a fazer alusão aos desejos de formas românticas, sugestivas, para que pudessem ser aprovados pela censura. Os anos 50 foram mais liberais em relação à nudez: os diretores retratavam as cenas de forma “saudável”, em contato com a natureza. Quem decidia o nível de “sugestão sexual” era o espectador, como descreve Nuno Abreu. Nessa época, os filmes tinham uma fórmula: “as maravilhas do naturalismo, de vez em quando contestada por um elemento estranho que, invariavelmente, acabava cooptado pelo desnudamento.”²⁷

A nudez naturalista, entretanto, se tornou saturada para a comercialização da pornografia, nos finais dos anos 50. Os filmes então passaram a se aproveitar

²⁵ SIBILA, Paula. “O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem Medieval e as silhuetas contemporâneas”. FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia, PUC – RS, Vol. 21, nº 01, (2014), p. 24 – 55, p. 47.

²⁶ GERACE, Rodrigo. “Cinema Explícito: representações cinematográficas do sexo”. – 1 ed. – São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 75.

²⁷ ABREU, Nuno César. “O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 57.

desse esgotamento para exibir mais malícia na nudez, popularizando o subgênero *nudie-cutie*, que avançou aos anos 60. Foi também nessa época, como aponta Nuno Abreu, que começaram a aparecer filmes curtos, vendidos para clubes masculinos que mostravam “mulheres de pernas abertas, brincando com os peitos, se tocando por instantes”. A crescente produção desses filmes fez o número de salas de cinema aumentar, mostrando como a consolidação do cinema também tem como base o cinema pornô.

Um marco desse gênero é o filme *Deep Throath* (“Garganta Profunda”), famoso por incluir uma narrativa plausível entre seus personagens. A história da mulher sexualmente insatisfeita até descobrir que seu clitóris se encontrava na garganta, passando a alcançar o orgasmo através do sexo oral, é o longa-metragem pornográfico de maior sucesso até hoje. A obra foi exibida em grandes cinemas hollywoodianos e atraiu multidões de público. O filme também consolidaria algumas estruturas dos gênero *hard core* no pornô, como a ejaculação em direção à câmera e a ênfase no clímax/orgasmo masculino.

Nos anos 80, a popularização dos videocassetes alavancou um outro tipo de cinema pornográfico, voltado para a TV, com o crescimento de produções amadoras. O período foi marcado pela decadência das megaproduções e pela menor distribuição desse gênero para os cinemas. Foi na privacidade do lar que os filmes pornográficos encontraram abrigo. Os cinemas que exibiam filmes pornográficos, popularmente chamados de “cinemões”, no cenário brasileiro, estariam condenados à marginalidade, exalando decrepitude.

É fato que a experiência televisiva é diferente da cinematográfica, a começar pelo tamanho da tela: no cinema, o espectador é transportado para toda aquela imensidade, enquanto a televisão disputa atenção com o que está à sua volta. Por outro lado, o *home vídeo* permite que o indivíduo estabeleça o tempo para assistir e reiniciar o filme quantas vezes quiser, dando mais atenção a esta ou àquela cena. Dentro da estrutura fílmica, o resultado foi a perda da qualidade artística, com ainda menos foco na narrativa e, conseqüentemente, uma baixa dos custos dessas produções.

A mudança também atribuiria as ideias de “imoralidade” e “ilegalidade” à pornografia: se antes ela já não era muito bem vista, ainda que ocupasse grandes salas de exibição, ganha o estigma de subproduto cuja cadeia produtiva é um mistério - ninguém precisa saber quando ela é consumida nem como. Foi

nesse âmbito que o gênero passou a ser produzido em larga escala, como explica Nuno Abreu, que também afirma que este cinema passou a se apoiar nos clichês dos códigos cinematográficos. As performances passaram a ser múltiplas apenas para darem conta da minutagem do pornovídeo, deixando claro as fraquezas dos roteiros, como personagens estereotipados.

Foi nesse contexto narrado acima que a representação de uma sexualidade artificial e mesmo agressiva se tornou ainda mais evidente no gênero. E se, por um lado, a pornografia possui uma ideologia machista e patriarcal desde os primórdios, a privacidade do lar também permitiria que mulheres ampliassem o seu direito ao consumo desses produtos, tornando mais questionadora a postura diante dos tipos de filmes que são produzidos e tentando quebrar os padrões que são apresentados.

2.2 A pornochanchada brasileira.

Enquanto filmes como “Garganta Profunda” e “O Diabo na carne de Miss Jones” popularizavam o gênero nos cinemas internacionais, no Brasil as pornochanchadas foram cruciais para levantar o mercado cinematográfico. De maneira genérica, elas eram obras realizadas na década de 70, que satirizavam os costumes e os códigos morais, abordando temas populares como virgindade e adultério, completamente ancoradas no erotismo:

[...]Consideramos aqui aqueles filmes tanto de produção apressada e mal-acabada como outros de construção elaborada. O critério básico é a prioridade na exibição anatômica mesmo que em conflito com o desenvolvimento dramático, ou a existência de um roteiro para simples sustentação de piadas ou situações “eróticas” que envolvam mulheres mais ou menos despidas[...]²⁸

As pornochanchadas, ao contrário do que se observava no início da pornografia, não pretendiam alcançar um sentido transgressor e não se assumiam enquanto peças de um “cinema político” – o oposto da “Estética da fome”, por exemplo. Não parece exagerado afirmar que o que elas queriam era revelar ao público a malícia da liberação dos costumes, até mesmo com o sabor carnavalesco derivado das chanchadas.

²⁸ Inimá Simões, 1979, p. 87 apud Nuno César Abreu, 1996, p.75.

A cidade de São Paulo foi o maior polo dessa produção. A “Boca do Lixo”, como ficou conhecida a área onde se concentravam os escritórios dos produtores, nos entornos da Estação da Luz, contribuiu para o caráter marginal deste gênero devido à proximidade com as zonas de prostituição. Nuno César Abreu salienta que o sucesso desse gênero se deve ao fato de que o sexo era um assunto em pauta na década de 70, marcada pela liberação sexual. É preciso destacar que a pornochanchada viveu sua “época de ouro” no período de maior censura no país, no auge da ditadura civil-militar iniciada com o golpe de 1º de abril de 1964, tirando vantagem do fato de que muitos filmes internacionais eram impedidos de serem exibidos no Brasil.

As pornochanchadas, diferentemente do Cinema Novo, não recebiam investimento estatal (na época a empresa responsável pelo fomento era a Embrafilme), por isso sempre foram qualificadas como “média”, produções de custo mediano direcionadas a um público pouco exigente, tanto pelo interesse quanto para o retorno financeiro. Com a crise econômica da década de 80, o gênero não conseguiu se sustentar. Alguns críticos, como Jean-Claude Bernadet²⁹, defendem que um dos motivos para isso é o fato de que a pornochanchada apresentava pouco de pornô, não sendo capaz de competir com os filmes estrangeiros que adentravam no mercado de pornovídeo. No campo das questões financeiras, é sabido que neste mercado ainda sai mais barato importar vídeos estrangeiros do que produzir uma “pornografia nacional” de boa qualidade técnica (o que envolve de maquinários a atores, passando pelo aluguel de locações e pela pós-produção). Apenas na década de 90 o mercado pornográfico brasileiro conseguiu se reerguer com a série de vídeos “As brasileirinhas.” Não curiosamente, a mesma década ficou conhecida como o período da “Retomada” do cinema brasileiro como um todo, tendo como marco o filme “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”, da diretora Carla Camurati.

São títulos famosos do gênero pornochanchada: “A Super Fêmea”, com Vera Fischer no papel principal; “A Dama do Lotação”, baseado na obra de Nelson Rodrigues e com Sônia Braga como protagonista; e “Amor Estranho Amor”, com Tarcísio Meira, Vera Fischer e Xuxa Meneghel.

²⁹ Jean – Claude Bernadet, 1979, p.107 apud Nuno César Abreu, 1996, p. 81.

2.3 O mercado pornográfico e a ANCINE

A Agência Nacional de Cinema (ANCINE) foi criada no ano de 2001, pela Medida Provisória 2228-1, e substituiu a antiga Embrafilme, ficando responsável por: “desenvolver e regular o setor audiovisual em benefício da sociedade brasileira”³⁰. Tudo isso por meio de atribuições do fomento e fiscalização do mercado do cinema e audiovisual.

Ronaldo Palliscy³¹ concorda com María Elvira Benitez que o mercado pornográfico é muito dinâmico e altamente lucrativo, sendo um mistério os valores reais envolvidos nesse setor. Palliscy também mostra que há uma pluralidade muito grande em relação aos orçamentos das empresas nessa área: enquanto algumas afirmam que seus filmes são produzidos com um orçamento acima de 20 mil reais, outras revelam que com menos de 10 mil reais conseguem realiza-los. Esse rápido levantamento demonstra que a atuação do mercado não depende, de fato, da utilização de incentivos fiscais disponibilizados pela ANCINE; por outro lado, apresenta a falta de informações deste mercado – o que pode ser constatado através do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA), projeto que deixa disponíveis relatórios pertinentes sobre telas de exibição, vídeo doméstico, recursos incentivados, entre outros.

Alguns dados são examinados por Ronaldo Palliscy para mostrar a atuação da Agência Reguladora no que tange à pornografia. Embora não permitida, por legislação, a utilização de recursos estatais nesta indústria, ela possui uma quantidade expressiva no volume de obras registradas na ANCINE, ficando atrás somente dos gêneros comédia e drama³².

O ponto mais interessante dessa complexa e nebulosa relação entre o mercado pornográfico e a Agência Reguladora se refere às taxas do CONDECINE. A Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional foi instituída pela Medida Provisória 2.228-1/2001 e incide sobre a:

³⁰ www.ancine.gov.br

³¹ PALLISCY, Ronaldo. “Mercado audiovisual pornográfico – um olhar sobre a regulação da ANCINE”. Rio de Janeiro: UFRJ. Outubro, 2009.

³² Idem, p. 33

Veiculação, a produção, o licenciamento e a distribuição de obras cinematográficas e videofonográficas com fins comerciais, bem como sobre o pagamento, o crédito, o emprego, a remessa ou a entrega, aos produtores, distribuidores ou intermediários no exterior, de importâncias relativas a rendimento decorrentes da exploração de obras cinematográficas e videofonográficas ou por sua aquisição ou importação, a preço fixo.³³

Ou seja, qualquer obra, nacional ou estrangeira, não excluindo nenhuma categoria de gênero, para ser produzida, exibida ou comercializada no país precisa pagar essa taxa. Essa arrecadação compõe o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), utilizado para o fomento do setor. Considerando que a indústria pornográfica produz constantemente, pois se baseia na rapidez de seu consumo, não é de estranhar que este setor é um dos principais contribuintes do fundo. Ronaldo Palliscy ainda reforça que algumas obras estrangeiras são seriadas, por isso vinculadas a um único registro, quando pesquisada esta informação. Entretanto, cada episódio tem o seu valor recolhido, o que demonstra que as taxas dessa categoria ainda podem ser muito maiores.

Essa questão fragiliza o que a ANCINE prega em relação à sua conduta, de regular o mercado para que ele possa ser competitivo. Além do mais, quando se trata de fiscalização, a Agência também não atua fortemente dentro deste setor - basta observar como os filmes pornográficos sofrem com a falsificação, no país inteiro. Isso acaba gerando um efeito contrário ao que seria a ação do Órgão, que diz atuar de maneira impessoal, e causa uma instabilidade do setor.

³³ www.ancine.gov.br/pt-br/condecine

3. Estudo de caso: “Mulher Arte” – 1ª e 2ª temporadas

A série “Mulher Arte” é um projeto do tipo documental, escrito pelo proponente Marcelo Braga Cardoso da Silva, representando a produtora Santa Rita Filmes, e tendo como coprodutora a HBO Latin America, destinado ao segmento de TV paga. Este projeto foi inscrito na ANCINE no ano de 2013 para solicitar o aporte de R\$ 755.158,80, através do fomento indireto, que “são recursos de incentivo fiscal federal, relativos às atividades de financiamento de projetos audiovisuais provenientes dos mecanismos previstos nas Leis nº 8.313/91, 8.685/93 e na Medida Provisória nº 2.228-1/01, e de recursos oriundos de conversão de dívida proveniente da Lei nº 10.179/01, e suas alterações posteriores”³⁴.

A primeira temporada passou por todos os trâmites necessários dentro da Agência Reguladora, sem ser questionada pelo teor da sua obra. Teve a sua primeira aprovação publicada pelo Diário Oficial da União em 08 de agosto de 2013, tornando-se apta para a captação de investimento até 31 de dezembro de 2016. “Mulher Arte” estreou pelo canal HBO Brasil em 24 de junho de 2014, no horário das 23h. Neste mesmo ano, a produtora entrou com solicitação para aprovação da segunda temporada da série. Enquanto corria o pedido, em 06 de janeiro de 2015, a produtora requereu a prestação de contas do produto que fora televisionado, encaminhando toda a documentação exigida, inclusive o relatório de cumprimento do objeto e 3 dvd’s contendo os 10 episódios. Em 13 de janeiro de 2015, a ANCINE suspendeu a autorização da produtora Santa Rita Filmes para a captação financeira.

“Mulher Arte – 2ª temporada” teve seu projeto indeferido pela ANCINE quando solicitou a 1ª liberação de recursos. A proponente só pode pleitear este pedido após conseguir a aprovação da análise complementar, que serve justamente para uma “análise detalhada do projeto técnico, incluindo desenho de produção, observando seu orçamento”³⁵, e para isso é necessário comprovar captação de no mínimo 20% do valor incentivado, além de enviar uma série de documentos como formulários, sinopse e argumento ou roteiro da obra³⁶. A Agência Reguladora chegou a esta decisão com base no produto final – os episódios que foram ao ar na primeira temporada – e os projetos escritos, partindo do pressuposto de que a continuação da

³⁴ Art. 2, inciso XIV, Instrução Normativa nº 125, de 22 de dezembro de 2015. Que revoga a Instrução Normativa nº 22/03.

³⁵ Art. 2, inciso II, IN nº 125/15.

³⁶ A documentação necessária para realizar a análise complementar está detalhada no art. 39, da IN nº 125/15.

série seguiria a mesma proposta. Devido a este resultado, a prestação de contas de “Mulher Arte” foi priorizado para que a agência reguladora pudesse aplicar suas sanções.

Na fase de primeira aprovação foi exposto a seguinte sinopse:

Mulher Arte é uma série documental que mistura arte, paisagens brasileiras, seu povo, hábitos, crenças, tudo isso sob o olhar multifocal de uma artista plástica que percorre o país em busca de um caminho para que se possa descobrir a beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local. Brasil, um caldeirão de culturas e que uma de suas maiores riquezas encontra-se na diversidade de raças, povos e religiões. Um país miscigenado, onde a beleza se expressa também em suas mulheres. (ANEXO 1)

Já o argumento apresentado para a análise complementar (Anexo 2) explorava pontos pelos quais a série passaria, tendo como abordagem principal a busca por belezas naturais de 10 cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Natal, Fortaleza, Manaus e Goiânia. Tudo isso através do olhar atento e curioso do artista plástico, que iria retratar a mulher que melhor representasse cada região, desvendando como estas interagem. O projeto era dividido em cinco atos, que podem ser assim chamados:

Ato 01: A cidade – enfatiza-se a relação sociocultural entre a cidade e a mulher.

Ato 02: A escolha – por meio de entrevistas pré-estabelecidas, o artista seleciona a mulher que será retratada.

Ato 03: O ensaio – um encontro entre o artista e a modelo em busca da obra de arte.

Ato 04: Impressões - tanto o artista quanto as mulheres relatam suas experiências para com o ensaio.

Ato 05: Final - o artista destaca o seu desenho favorito, explica as técnicas utilizadas e descreve a sua experiência com as entrevistadas.

Mas qual foi a infração cometida para decretar o desvio de obra finalizada, pela ANCINE? Através da decupagem (Anexo 03) do primeiro episódio de “Mulher Arte”, realizado na cidade de Porto Alegre, nota-se o que a sinopse e o argumento “esconderam” – justamente o que passou despercebido em todas as análises.

O artista plástico escolhido para apresentar a série é Pedro Henrique Moutinho e, como ele mesmo fala ao iniciar, “...eu desenho mulheres (pausa) de preferência nuas”³⁷. “Mulher –

³⁷ Minutagem 00:01:00, anexo 03.

Arte” traz em seu conteúdo um ensaio sensual, onde as mulheres aparecem seminuas ou totalmente nuas, ao mesmo tempo em que são retratadas artisticamente por meio de um desenho. A ênfase das entrevistas está em perguntas pessoais e sexuais, conforme se depreende do trecho exposto abaixo³⁸:

Apresentador: Vamos falar mais sacanagem?

Entrevistada: É o que você quer ouvir!

Apresentador: O que você acha de pau? Pau é um negócio bonito?

Entrevistada: Não acho bonito. Não é esteticamente bonito.

Apresentador: Sexo oral? Você gosta de fazer?

Entrevistada: Mas suas perguntas, vou te contar!

Apresentador: Demais?

Entrevistada: É, né! Ah! Gosto, gosto!

Apresentador: Gosta mais de fazer ou de receber?

Entrevistada: De fazer.

A Agência Nacional questionou a ausência de um recorte sociocultural entre a cidade e a mulher, bem como não aprovou o fato de a série mostrar um “alto cunho erótico e pornográfico” – ou seja: recorreu a uma determinada classificação. A nudez feminina (ainda que se possa falar em “nu artístico”, algo comum em qualquer escola de Belas Artes) e o teor dos diálogos receberam o selo de pornografia. Além disso, segundo a Agência, o produto registraria a despersonalização e a objetificação das mulheres entrevistadas.

Desse modo, diante dos documentos expostos, este capítulo analisará em conjunto as notas, os relatórios e os votos, bem como as divergências entre coordenações e diretoria à frente de um assunto tão delicado, pautando as representatividades eróticas e pornográficas femininas. Por fim, analisará o resultado da decisão e as consequências imediatas para a produtora Santa Rita Filmes.

³⁸ Minutagem 00:26:44, idem.

3.1 O que pensa a ANCINE?

A Superintendência de Fomento da Agência se destaca pela sua função ligada ao desenvolvimento e ao fortalecimento do mercado audiovisual brasileiro. No momento em que a segunda temporada de “Mulher Arte” teve seu pedido de primeira liberação negado, a atenção da Agência se voltou para a prestação de contas do projeto que tinha sido aprovado anteriormente. Ficaram responsáveis por estas análises a Coordenação de Análise de Direitos (CDI), a Coordenação de Prestação de Contas (CPC) e os integrantes da Diretoria Colegiada.

Em março de 2015, foi elaborado pela CPC um relatório de análise de cumprimento do objeto³⁹. Nele é frisado o objetivo apresentado pelo argumento - a série propõe diversos temas a serem investigados, entre eles “a relação da mulher com o povo, a história, a cultura [...] e os costumes dessas cidades, ressaltando pretender ir além da visão estereotipada existente sobre nossas mulheres e nossa sociedade.”⁴⁰. No entanto, as cidades funcionavam apenas como cenário para que o artista pudesse desenhar mulheres nuas. A CPC também aponta que, pela estrutura dos episódios, a série não poderia se enquadrar como documentário, mas que se aproximaria de um formato de *reality show*, pois na averiguação das minutas o tempo disponibilizado para as informações das cidades é muito pequeno, predominando as perguntas e respostas de abordagem eróticas e/ou pornográficas. A coordenação conclui, ainda, que a série cometeu irregularidades nos seguintes pontos: a) Desvio de finalidade e de objeto em relação ao projeto aprovado; b) Não efetivação do Depósito Legal obrigatório; e c) Não comprovação da exibição de cada um dos episódios. Para o primeiro item, foi sugerida a consideração de um superior; para os demais, um encaminhamento de diligências.

Contraargumentando este relatório, a Coordenação de Análise de Direitos emitiu uma nota técnica⁴¹, ressaltando, primeiramente, que a primeira sinopse (anexo 1) encaminhada fornece uma descrição abstrata que impossibilita uma avaliação clara sobre a obra; porém, em compensação, o segundo argumento (anexo 2) apresentado para a análise complementar já emite trechos que oferecem ideias do conteúdo produzido:

10. Com efeito, há trechos das descrições do ato 2, 3 e 4 que sugerem um conteúdo erótico *algumas sobre a vida pessoal das candidatas e com algumas pode até pedir para ver o corpo e esboçar um desenho rápido*. No ato 3, no qual ocorre o ensaio, é escolhida uma locação e o artista escolhe as roupas a serem usadas pela mulher retratada. Durante o ensaio, a proposta é continuar a entrevista da retratada com perguntas relacionadas à cidade, perguntas

³⁹ Relatório de análise do cumprimento do objeto nº 050/2015 – preliminar, ANEXO 04.

⁴⁰ Fl. 266, idem.

⁴¹ ANEXO 05

pessoas [...] e perguntas picantes [...]. No ato 4 ocorreriam os depoimentos, sendo que a mulher *conta se foi natural, como se sentiu posando em alguns momentos até despida* [...]⁴²

Para a CDI, a estrutura do programa, mencionada no argumento, em realidade, poderia ser dividida em 04 atos, tendo em vista que os que eles dividem em “ensaio” e “impressões” ocorrem concomitantemente. Sendo assim, não configurando em desvio do objeto final da obra, apesar de apresentarem um argumento genérico na primeira aprovação, durante a análise complementar a descrição do projeto direciona para o que seria o produto final. Outro ponto levantado por eles é que a exibição de mulheres nuas não categoriza uma obra como pornográfica, ressaltando que não há nenhuma legislação ou normativa proibindo o uso de incentivos fiscais para obras cinematográficas que apresentem erotismo (vide obras como *Bruna Surfistinha*, que aborda a prostituição feminina e apresenta altas doses de nudez). Em relação ao formato do projeto, apontam que uma obra documentária, de acordo com a Portaria nº 99 da ANCINE, de 05 de abril de 2003, item 269 do glossário, também é caracterizada como aquela: “b) a ser produzida a partir de roteiro e cuja trama/ montagem seja organizada de forma discursiva por meio de narração, texto escrito ou depoimentos de personagens reais”. Concluindo o parecer, os relatores defendem que a série “Mulher Arte” não descumpriu nenhum item apontados pela prestação de contas, cabendo a decisão superior.

O relatório e o voto⁴³ da Diretoria levaram em consideração o que foi elaborado pelas duas coordenações para chegar ao seu veredito, devido à importância de se tratar minuciosamente a matéria de cunho erótico e/ ou pornográfico à luz das políticas públicas de fomento implementadas pela ANCINE.

Em relação a este teor, a Diretoria recordou que apesar de menções à nudez feminina e da presença de “perguntas picantes”, foi apresentado um argumento que discorria vastamente sobre as explorações culturais que a obra pretendia fazer. Por outro lado, atentou para o fato de que em um episódio de 30 minutos, 28 minutos eram dedicados à nudez (parcial ou total) e apenas 02 minutos à cultura local de uma determinada cidade brasileira. Diante dessas desproporcionalidades, explica a Diretoria, por mais que concordasse com a CDI que, realmente, dentro do fomento não existe nenhuma vedação ao uso de incentivos fiscais para produção de obras eróticas, isso não significa que a ANCINE não tenha o dever de averiguar cada caso, pensando no interesse público e no desenvolvimento do mercado audiovisual brasileiro. O relatório aponta, também, que apesar de não exibir nenhuma cena de sexo

⁴² ANEXO 05, p.80.

⁴³ ANEXO 06

explícito, o tratamento dado ao tema na primeira temporada tem um forte cunho erótico que objetifica as mulheres participantes; não bastasse, pelo fato de o programa abordar localidades diferentes, a obra poderia se resumir à sexualização de mulheres exploradas em cada região, estimulando a prática de turismo sexual – um problema crônico que leva o Brasil às manchetes do mundo inteiro. A Diretoria destaca, por fim, que para alguns teóricos, como o jurista Owen Fiss, o discurso pornográfico reduz a importância das mulheres, podendo estimular a violência de gênero, os abusos físicos e psíquicos, tendo efeitos lesivos à sociedade. Por isso, seria necessária a intervenção da estatal para não permitir que ocorra o que o jurista chama de “efeito silenciador do discurso”, que é quando as vozes de minorias são abafadas pelo discurso dominante.

A visão da maioria dos teóricos parece convergir para um mesmo fato: quando se trata de definir o que é erótico e o que é pornográfico, é o *status* moral que o corpo recebe, o elemento definidor, flexibilizando o sentido de obscenidade em diferentes contextos. Não há, portanto, um delimitador absoluto, mas uma espécie de “zona cinzenta”, fronteiras elásticas. Segundo Ramon Freixas e Joan Bassa⁴⁴, citados conforme Rodrigo Gerace (2015, p.10), “é o olhar que torna uma obra obscena, e não a obra em si mesma. Dito de outra maneira, tudo gira ao redor daquilo que se vê – ou se quer ver – e não daquilo que se mostra”. A nota técnica da CDI representa uma pequena parte que não enxerga o corpo na série “Mulher Arte” como uma ofensa à moralidade, enquanto a Diretoria indica a preocupação com a quebra de tabus e rótulos sociais que estariam expostos caso a Agência não defendesse o interesse público.

Para Nuno César Abreu (1996), existe uma “linguagem cinematográfica pornô” que auxilia na classificação do gênero, pressupondo padrões de imaginação audiovisual e moldando os referenciais de um repertório de significantes. Existem dois componentes iconográficos importantes no filme pornô: “a exibição em close das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita ‘para a câmera’ (o *money shot* ou *come shot*)”⁴⁵, além de tipologias de atos sexuais que podem ser incluídos: masturbação, sexo convencional, lesbianismo, sexo oral, *ménage à trois* (Apud Ziplow, 1977, p. 31 – 33). Outro recurso utilizado pelo gênero é a música, que estabelece o ritmo dos corpos. Há um aumento do som durante a performance para que os gemidos e ruídos aproximem a platéia da cena, ultrapassando o enquadramento.

A exibição da nudez feminina na série “Mulher Arte” pouco se encaixa dentro desses recursos elencados por Nuno César de Abreu. Os momentos de nudez feminina são exibidos

⁴⁴ R. Freixas; J. Bassa, “El Sexo en el Cine y el Cine de sexo”, p.47.

⁴⁵ ABREU (1996), p. 96.

juntamente com uma trilha sonora que evidencia a sensualidade, mas cabe lembrar que este *voyeurismo* praticado não garante a representação de uma mera “fantasia pornográfica”, pois, como sugere Pierre A. LeVenly (1981, p.37), citado por Nuno Abreu (1996, p. 183), para o *voyeur* não interessa apenas observar, mas o seu próprio prazer que busca na imagem. A Coordenação de Análise de Direitos, ao mencionar que não é proibido o uso de incentivos fiscais na produção de obras com cunho erótico, se aproximaria dessa sugestão e da leitura apresentada sobre as linguagens cinematográficas do cinema pornô, que é condizente com o classificado pela portaria nº 342/2009 da ANCINE: “obra audiovisual pornográfica é aquela constituída principalmente por exibição explícita de atos sexuais com a exposição de órgãos sexuais.”

A Diretoria Colegiada, diferentemente, argumenta que o cerne da questão não é a legalidade de conteúdos eróticos e/ ou pornográficos, mas as consequências que as representações exibidas poderiam ocasionar em uma sociedade já maculada pela exploração sexual feminina. Atualmente, a representação é um tema bastante discutido, seja no meio acadêmico ou no cotidiano. A busca por um lugar de fala tem sido a grande luta das “minorias” para se firmarem como parte integrante de um todo. O cinema, bem como as telenovelas, os videoclipes ou qualquer outra obra audiovisual, é uma forma de arte derivada da tecnologia e, portanto, algo inseparável do contexto da indústria cultural. Deve-se questionar, é claro, o que o público consome.

Parece óbvio que se deve, sim, analisar o papel feminino em um vídeo erótico e/ou pornográfico. O que soa interessante do ponto de vista acadêmico (justamente o que motivou a reflexão deste trabalho) é a não-rejeição de outras obras audiovisuais brasileiras que, sob a mesma ótica, também poderiam ser consideradas objetificadoras e pornográficas, todas aprovadas pela ANCINE sem qualquer questionamento no que tange à relevância da representação feminina. O cinema brasileiro conta com filmes como “Bruna Surfistinha”⁴⁶, baseado no livro autobiográfico “O doce veneno do escorpião”, redigido por uma ex- prostituta, Raquel Pacheco, que ganhou destaque nacional ao relatar as suas histórias, com detalhes dos mais explícitos, em um blog pessoal. Há, ainda, personagens como o da atriz Fiorella Matheis no filme “Vai que Cola”⁴⁷: uma brasileira que se finge de estrangeira e parece ter como única função permanecer em trajes de banho – clara menção ao turismo sexual.

Embora, como mencionado pela Diretoria, existem vários teóricos que enfatizam a visão reduzida dada às mulheres nos gêneros pornográficos, estes estudos dizem respeito à indústria

⁴⁶ Filme do diretor Marcus Baldini, lançado no ano de 2011, que teve aprovação pela ANCINE para sua captação.

⁴⁷ Direção de César Rodrigues, lançado 2015, também aprovado pela ANCINE.

que Maria Elvira Díaz-Benitez analisou em sua tese de doutorado⁴⁸, trabalho em que descreve os bastidores e cenários do pornô brasileiro, revelando que a produção e a pós-produção dos filmes deste mercado são voltadas para o público masculino heterossexual. Desse corpus, é excluída a existência de uma vertente dentro do gênero que se autodenomina “Pornô Feminista”, tendo um grande exemplo na diretora de cinema Erika Lust e em projetos como *Dirty Diaries* (2009), um DVD com 11 curtametragens realizados por mulheres, que, conforme o citado por Mariana Baltar,⁴⁹ mostra as mudanças nas práticas discursivas e de consumo, mobilizando uma espécie de “re-educação dos desejos”, refletindo as relações de poder.

Ao defender que “Mulher Arte” apenas objetifica as mulheres, a Diretoria deixa de lado um ponto importante dentro da série: as impressões defendidas pelas mulheres retratadas. Em boa parte dos episódios há os depoimentos das selecionadas em relação ao desenho e à experiência de posar para o artista. Com relação a isso, é importante dar atenção a um termo utilizado por Baltar⁵⁰ para descrever o ativismo político dentro desse gênero: “pornificação de si”. Tal expressão designa o direito de mulheres de se pornificar, ou seja, de se exibirem por prazer. Todas as mulheres participantes da série dizem ter consciência do que se trata o ensaio. O consentimento delas é parte importante da construção do desejo. Ao se verem retratadas, tais mulheres dizem se sentir empoderadas - até mesmo por, às vezes, apresentarem visões distorcidas sobre o próprio corpo. Pode-se dizer que cada episódio de “Mulher Arte” acaba por exibir mulheres que se autoconheceram, encarando a sua nudez de modo público, mobilizando a ideia segundo a qual o feminino também é passível de desejos e de ser compreendido enquanto fonte de prazer. Trata-se de uma contraposição que serve para mostrar que as fronteiras classificatórias não são tão nítidas e esbarram em discussões mais aprofundadas. A obra não é um produto planejado, mas um terreno conflituoso.

3.2 Resultado e consequências para a produtora Santa Rita Filmes.

Após a deliberação da Diretoria, a Agência Reguladora decidiu por não aprovar a prestação de contas apresentada pela produtora Santa Rita Filmes para a primeira temporada da série “Mulher Arte”. Devido a isso, inabilitou a proponente pelo prazo de dois anos, tendo em

⁴⁸ DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. "Nas *redes do sexo*: os bastidores do pornô brasileiro". Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁴⁹ BALTAR, M. Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino. Significação-Revista de Cultura Audiovisual, v. 42, p. 129, 2015. Fl. 132.

⁵⁰ BALTAR, Mariana. “Femininas Pornificações”. IN Bragança, Maurício de; TEDESCO, Marina (org). *Corpos em projeção: gênero e sexualidade no cinema latino – americano*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

vista as irregularidade, impossibilitando a captação de recursos para os novos projetos antes mesmo da oportunidade de resposta.

Em consequência disso, a produtora ficou incapaz de dar continuidade à produção de todos os demais projetos que estavam sobre a mesa. Em sua defesa, a produtora lembrou a Agência que a inabilitação deveria ter efeito suspensivo enquanto solicitava o recurso administrativo e que a sanção imediata prejudicaria não só a série “Mulher Arte”, mas todo o planejamento para os anos de 2015 e 2016, colocando em risco o futuro de seus funcionários e da própria empresa.

A preocupação da produtora seria com a obra “Gostasas, lindas e sexies”, que também estava em aprovação e em fase de captação de recursos, com o seu cronograma marcado, além dos compromissos contratuais selados com as atrizes. A decisão da ANCINE também colocou em voga a credibilidade da empresa em frente aos investidores. Diante desse cenário de incertezas, a Agência não voltou atrás sobre o teor da série “Mulher Arte”, que aparentemente tornou-se o menor dos problemas para a produtora. Ao concluir que o recurso apresentado pela empresa não trazia nada de novo para a decisão sobre “Mulher Arte”, a Agência apenas reduziu o prazo da inabilitação para nove meses.

CONCLUSÃO

O espaço para o obsceno sempre foi imposto através de delimitações, seja por questões morais ou sociais. Mas a utilização da sexualidade como mercadoria demonstrou que havia terreno para o crescimento de uma indústria triunfante economicamente e capaz de se adaptar a diferentes contextos socioculturais. A pornografia, durante um tempo, pode ter perdido o seu local de transgressão política e o seu teor crítico, mas ainda assim se mostrou um contraponto às normas para a utilização do corpo.

Culturamente somos bombardeados com discursos e imagens deste tema, seja na música, na moda, na publicidade ou no cinema. Para onde se olha, se vende o sexo! Consequências diretas são os inúmeros padrões de costumes impostos em uma sociedade. Mas, como é colocado por Nuno César Abreu, o espaço ocupado pela comercialização não existiria se este não respondesse a uma “necessidade” do consumidor.⁵¹

A análise da série “Mulher Arte”, nesse sentido, não partiu do questionamento (que toca as esferas morais) se é certo existirem conteúdos erótico ou pornográfico; ao contrário, parte da premissa de que eles existem e existem há muito tempo, dos textos literários da Antiguidade ao cinema contemporâneo; e se eles existem, devemos compreender o quanto somos influenciados por eles e o quanto eles refletem sobre a sociedade – e o quanto, é claro, podem ser contraditórios. Não é a pornografia que criou a dominação masculina, mas o contrário: a pornografia espelha historicamente o machismo enraizado em nossa sociedade. A posição de poder falocêntrica sempre se refletiu nessa forma de arte, enquanto a imagem feminina foi idealizada como submissa. Mas há, no sentido oposto, a produção de obras pornográficas por autoras e diretoras mulheres, como Hilda Hilst, na literatura, e Erika Lust, no cinema. Os produtos finais são obras que tratam do sexo a partir do olhar feminino (e feminista).

O conteúdo da série “Mulher Arte” é passível de ser enquadrado na categoria *soft porn*⁵². Porém, não é possível afirmar que um episódio causa excitação tanto quanto um filme pornô convencional - mesmo se essa fosse a real intenção da produtora, o “valor de desejo” é particular para cada indivíduo. Diante da representação feminina, “Mulher Arte” pouco se diferencia do que já é visto na indústria cinematográfica que trata do assunto sexo: mulheres expostas ao olhar masculino. A imagem do artista Pedro Henrique Moutinho é reflexo de uma sociedade patriarcal e o seu posicionamento durante o programa é o do homem que acredita que aquela exposição é para o seu deleite artístico, o que é claramente observado pelo teor de suas

⁵¹ ABREU, Nuno César. “O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo”. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p.42.

⁵² Termo utilizado para marcar obras que trazem um conteúdo de sexo implícito, sugerido.

perguntas (que de certo modo parecem improvisadas, ainda que presentes no roteiro), direcionadas para as mais popularizadas fantasias masculinas.

Se o foco do programa era “descobrir a mulher”, mesmo pela ótica erótica, por que elas não foram questionadas a respeito dos prazeres que recebem, mas apenas sobre os prazeres que podem oferecer a um homem? Ou ainda, sobre como elas se relacionam com o seu próprio corpo? Se elas se conhecem? Há, inegavelmente, abordagens melhores para tratar da relação entre mulher e sexo.

Por outro lado, e por mais ambíguo que pareça, a série acerta ao permitir que essas mulheres passem pela experiência de posarem nuas para um artista e possam refletir sobre isso, nos depoimentos. É a sua liberdade de escolha, o “se sentir *sexy*”. Em nenhum momento há depoimentos destas mulheres que não tenham sugerido imponência nessa atitude. Se a questão é julgar a representação feminina para o espectador, para as participantes isso não foi colocado em dúvida.

O incômodo da série “Mulher Arte”, enquanto produção, é não adentrar, de fato, no desvendamento da mulher brasileira e de cada região. Em linhas gerais, é tudo muito superficial e o protagonista acaba sendo o homem - e isso se reflete na própria equipe, composta somente por esse gênero⁵³. Dentre tantos artistas que atuam no país, não haveria uma mulher que dialogasse melhor com o tema? O “olhar multifocal” que é descrito no projeto logo se apresenta único: a visão masculina sobre mulheres expostas.

Em toda a documentação da ANCINE, o foco do indeferimento da série está no não cumprimento do objeto. O principal argumento se baseia na falta de conteúdo sobre as cidades e na grande exposição da nudez feminina, não havendo correlação, de acordo com a Agência. Mas o histórico da pornografia e dos estudos sobre a sexualidade demonstra que muito se pode saber de um local através do seu discurso sobre o sexo. A questão é que, uma vez que a sociedade tende a esconder o assunto, fadando-o à proibição, obviamente a relação não se torna clara.

Como aponta Ronaldo Palliscy, a ANCINE deve realizar um planejamento de sua política regulatória, prezando por sua transparência na atuação, e rodear o princípio da proporcionalidade, pensando na regulamentação do mercado e no interesse público. Com base nos relatórios apresentados sobre o indeferimento, percebe-se que todo o questionamento diante do tema da obra poderia ter acontecido ainda na fase de aprovação da primeira temporada, podendo a produtora Santa Rita se explicar e evitar o aborrecimento das sanções. As

⁵³ A ficha técnica pode ser vista no site www.santaritafilmes.com.br/portifolio-item/mulher-arte/

divergências de opiniões também mostram que a ANCINE está longe de ser clara sobre a sua atuação, além de evidenciar a burocracia interna com tanta repetição de documentos, para realizar os trâmites dentro da Agência. Além disso, mostra que as fronteiras classificatórias dos termos “erótico” e “pornográfico” não são tão claras como se pode supor num primeiro momento.

Como a ANCINE trabalha para o fortalecimento do setor se ainda não está preparada para ele? Essa postura também ultrapassa a autonomia de conteúdo de uma produção. Veja-se o caso de uma outra série, também exibida pelo canal HBO, chamada “O Negócio”, que narra a história de três garotas de programa que decidem se livrar do cafetão e abrir o seu próprio negócio, utilizando de estratégia de *marketing* para lucrar ainda mais com a prostituição. Nesse caso, optou-se por não receber investimento estatal para não se correr o risco de ter o conteúdo interferido pela Agência. A série “O Negócio” possui quatro temporadas e atraiu a atenção do público e da crítica.

Pautar a representação feminina é muito relevante, mas parece que a Agência o faz de forma seletiva. Claro que fiscalizar todas as obras audiovisuais é uma tarefa difícil. É corrente a ideia de que o cinema brasileiro construiu a sua base através da utilização da “beleza feminina” (conceito que expõe padrões historicamente construídos e se agarra a exclusões), o que fica evidente nas escrachadas pornochanchadas. Por mais que este gênero não seja popular na atualidade, o audiovisual nacional aprendeu com ele a se utilizar da sexualização feminina para atrair o público. A mulher desnuda pode ser vista em obras de comédia, ação, drama e aventura. E cabe lembrar que a representação feminina não está relacionada somente à nudez, mas a todo comportamento exposto na narrativa. O “teste de Bechdel”⁵⁴ demonstra a preocupação com o papel da mulher no cinema e como cada vez o mercado cinematográfico está atento a essas questões.

Desse modo, a Agência Reguladora parece se aproveitar do entedimento feminino para disfarçar a atenção que foi dada à aprovação de outras obras com teor erótico e sexualização feminina. Mesmo que para a legislação não haja problema, a decisão partiu da apreensão moralista sobre a carga marginal que é dada à arte erótica e à pornografia.

O mercado audiovisual pornô cumpre com o seu papel perante as normas da Agência Nacional, mas não tem o retorno esperado. O setor que mais contribui com taxas deveria ser melhor atendido. Conclui-se que se a Agência voltasse a atenção para o que é produzido nessa área e realmente tivesse a intenção de regular e fiscalizar o mercado pornográfico, talvez

⁵⁴ O “Teste de Bechdel” é um selo oferecido a filmes que apresentem pelo menos duas mulheres conversando sobre assuntos que não sejam homens.

contribuisse para uma menor exploração das atrizes, o aumento da qualidade do conteúdo e o estímulo de produções fora dos padrões masculinos, favorecendo o consumidor em suas escolhas e diminuindo o estigma de “perversidade” atribuído à pornografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno César. "O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo". Campinas: Mercado das Letras, 1996.

BALTAR, Mariana. "Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino". Significação – Revista de Cultura Audiovisual, v. 42, p.129, 2015.

_____, Mariana. "Femininas Pornificações". IN Bragança, Maurício de; TEDESCO, Mariana. (org). *Corpos em projeção: gênero e sexualidade no cinema latino – americano*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013,

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. "Nas *redes do sexo*: os bastidores do pornô brasileiro". Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FOUCAULT, Michel. "História da Sexualidade 1. A Vontade do Saber". Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GERACE, Rodrigo. "Cinema explícito: representações cinematográficas do sexo" – 1 ed.- São Paulo: Perspectiva: Edições: Sesc São Paulo, 2015

HUNT, L. A. *Invenção da Pornografia*. Hedra, 1999.

MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. "O que é pornografia?". São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

PALLISCY, Ronaldo. "Mercado audiovisual pornográfico - um olhar sobre a regulação da ANCINE". Rio de Janeiro: UFRJ. Outubro, 2009.

SIBILA, Paula. "O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem Medieval e as silhuetas contemporâneas". FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia. PUC – RS, vol. 21, nº 01, (2014), p.24 – 55

Endereços eletrônicos:

www.santaritafilmes.com.br/portifolio-item/mulher-arte/ Acesso em: 18/07/2018

www.ancine.gov.br Acesso em: 18/07/2018

ANEXOS

1. SINOPSE

Relatório de Projeto

<http://187.115.150.86/projects/show/49299>

Sinopse: Mulher Arte é uma série documental que mistura arte, paisagens brasileiras, seu povo, hábitos, crenças, tudo isso sob o olhar multifocal de uma artista plástica que percorre o país em busca de um caminho para que se possa descobrir a beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local. Brasil, um caldeirão de culturas e que uma de suas maiores riquezas encontra-se na diversidade de raças, povos e religiões. Um país miscigenado, onde a beleza se expressa também em suas mulheres.

Argumento: O Brasil é um verdadeiro caldeirão cultural, uma mistura de etnias, ritmos, culturas, paisagens, belezas naturais. Fruto de tamanha diversidade, a mulher brasileira, cantada tantas vezes em verso e prosa por poetas e artistas de diversas épocas, famosa por sua beleza, seu gingado, sua espontaneidade, sua simpatia, sua vivacidade, entre tantas qualidades. Mas é possível determinar um tipo único de mulher capaz de representar essa brasilidade, quando justamente a brasilidade está nessa variedade, nesse arco-íris de cores, de multiplicidade de etnias e culturas? Loira, morena, negra, mulata, índia, cabocla, bronzeada, branquinha, de olhos amendoados, puxados, claros, escuros, afinal, quem é essa mulher tipicamente brasileira? Indo um pouco mais longe: as diferenças culturais e étnicas de cada região do país, suas belezas naturais e hábitos únicos seriam capazes de forjar brasileiras igualmente diferentes, ao mesmo tempo, guardando entre si características comuns? Esta série documental não pretende esgotar este tema, nem tampouco dar conta de um desafio tamanho. Ao contrário, pretende usar essa fonte riquíssima como inspiração para um artista dar vazão a sua criatividade através da observação de seu olhar único sobre cidades e mulheres tão distintas para pintar um rico, criativo e lindo painel sobre a mulher brasileira, ou melhor, sobre a diversidade da mulher brasileira. A abordagem principal é a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crenças, religiões, hábitos e costumes, retratando a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada. Unimos numa mesma série documental as tão belas como diferentes paisagens brasileiras, assim como suas mulheres de belezas e características tão distintas flagradas em seu cotidiano, e convidadas a nos mostrar um pouco de sua visão de vida, de seus questionamentos, de suas impressões e reflexões sobre o Brasil, sua cidade, sua vida, a mulher brasileira e

2. ARGUMENTO



Ato 1: A Cidade

Começaremos o programa com o nosso personagem, o artista plástico, Pedro Henrique Moutinho, descobrindo uma cidade a partir de sua história, seus principais pontos turísticos e principalmente da importância do papel feminino na cultura daquele lugar. Em cada cidade visitada faremos um exercício para buscar uma ligação sócio-cultural com algumas características da mulher local.

Exemplos: Como falar da Salvador sem falar da Gabriela de Jorge Amado, de Porto Alegre sem falar de Anita Garibaldi, bombacha e chimarrão ou falar do Rio de Janeiro sem citar Cartola, samba e mulatas, de São Paulo sem falar da miscigenação e pluralidade de raças com destaque para o bairro da liberdade com suas “orientais”.

Mostraremos o que de mais interessante essas 10 capitais brasileiras tem a nos oferecer e o mais importante; traçaremos um perfil da mulher de cada uma destas cidades.

Para uma primeira temporada sugerimos; São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Natal, Fortaleza, Manaus e Goiânia.

Ato 2

A Escolha

PH Moutinho mostrará para a câmera algumas fotos das mulheres previamente selecionadas para o teste. Comentaré sobre o que acha das fotos e da expectativa em recebê-las. O teste se inicia, o artista conversa sempre com cinco ou seis mulheres, fará perguntas sobre a cidade, região e algumas



sobre a vida pessoal da candidata e com algumas pode até pedir pra ver o corpo e esboçar um rápido desenho. Tudo isso feito com toques de sensualidade e em locação . Tudo de uma maneira descontraída, buscando o encontro de beleza e personalidade que faça de alguma maneira a representação da figura feminina daquela região.

Depois de “testar” todas as beldades, vem a parte mais difícil do programa, a escolha. Pedro fala para a câmera o que mais gostou em cada uma das mulheres e revela o porque de escolher aquela(s) mulher(es).

Ato 3

O Ensaio

PH Moutinho escolherá as roupas que a modelo usará no ensaio, onde e como está pensando em fazer os desenhos. O clima informal do teste permanece durante todo ensaio e a impressão que temos é que apenas os dois estão no local. Pedro desenhará a mulher em diversos lugares e posições (faremos sempre uma pesquisa de locações para cada cidade a ser visitada) e conversará com ela sobre vários temas. Desde perguntas relacionadas a cidade: Voce nasceu aqui? O que mais gosta de fazer? Como é a mulher dessa região? Perguntas pessoais: Você tem namorado? Sua família sabe que você está participando de um ensaio artístico? Qual a parte do seu corpo que você mais gosta? Como você enxerga a sensualidade de uma mulher? Tem desejos, e quais ? E perguntas picantes como: Qual o melhor lugar dessa cidade pra fazer sexo? Está excitada com o este ensaio?...

Todo esse bate papo será conduzido com maestria por nosso artista que saberá a hora exata de tocar em todos esses assuntos. Colocando o espectador na condição de voyeur



acompanhando o encontro entre artista e modelo na produção de uma obra de arte.

Ato 4 Impressões

Tanto o nosso artista quanto a(s) mulher(es) darão depoimentos individuais para câmera dizendo o que acharam do ensaio. Pedro é bem sincero ao dizer se achou que a mulher estava a vontade, se topou fazer todas as poses propostas por ele, se ficou com teção durante o ensaio e se ficou satisfeito com o os rascunhos e quais são suas expectativas em relação a obra que será realizada.

Já a mulher descreve suas sensações dessa experiência incomum. Conta se foi natural, como se sentiu posando em alguns momentos até despida e sua impressão do artista, Moutinho, e de sua imagem retratada nos desenhos.

Ato 5 Final

Pedro mostra seus desenhos, destaca um preferido, e explica porque é seu predileto, qual técnica usou, se gostou do resultado e resume sua experiência na cidade e suas impressões sobre a mulher local, com destaque para a grande escolhida. Também fala qual será a próxima cidade a ser visitada e chama a atenção do expectador para “viajar” junto com ele para este próximo local e compartilhar da beleza das cidades escolhidas e das suas mulheres.



ARGUMENTO – pesquisa investigativa sobre o tema

O Brasil é um verdadeiro caldeirão cultural, uma mistura de etnias, ritmos, culturas, paisagens, belezas naturais. Fruto de tamanha diversidade, a mulher brasileira, cantada tantas vezes em verso e prosa por poetas e artistas de diversas épocas, famosa por sua beleza, seu gingado, sua espontaneidade, sua simpatia, sua vivacidade, entre tantas qualidades. Mas é possível determinar um tipo único de mulher capaz de representar essa brasilidade, quando justamente a brasilidade está nessa variedade, nesse arco-íris de cores, de multiplicidade de etnias e culturas?

Loira, morena, negra, mulata, índia, cabocla, bronzeada, branquinha, de olhos amendoados, puxados, claros, escuros, afinal, quem é essa mulher tipicamente brasileira?

Indo um pouco mais longe: as diferenças culturais e étnicas de cada região do país, suas belezas naturais e hábitos únicos seriam capazes de forjar brasileiras igualmente diferentes, ao mesmo tempo, guardando entre si características comuns?

Esta série documental não pretende esgotar este tema, nem tampouco dar conta de um desafio tamanho. Ao contrário, pretende usar essa fonte riquíssima como inspiração para um artista dar vazão a sua criatividade através da observação de seu olhar único sobre cidades e mulheres tão distintas para pintar um rico, criativo e lindo painel sobre a mulher brasileira, ou melhor, sobre a diversidade da mulher brasileira.

A abordagem principal é a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crenças, religiões, hábitos e costumes, retratando a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada.

Unimos numa mesma série documental as tão belas como diferentes paisagens brasileiras, assim como suas mulheres de belezas e características tão distintas flagradas em seu cotidiano, e convidadas a nos mostrar um pouco de sua visão de vida, de seus questionamentos, de suas impressões e reflexões sobre o Brasil, sua cidade, sua vida, a mulher brasileira e elas mesmas.

Mostraremos o que de mais interessante essas 10 cidades brasileiras tem a nos oferecer e o mais importante; traçaremos um perfil da mulher de cada uma destas cidades. Sugerimos as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro,



Belo Horizonte, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Natal, Fortaleza, Manaus e Goiânia.

Porto Alegre, a capital mais ao Sul do Brasil, exemplo da cultura gaúcha que se estende mesmo para fora do território brasileiro, guardando singularidades com seus vizinhos uruguaios e argentinos. Aqui fincaram raízes fortes os imigrantes europeus que escolheram o Brasil como novo lar. Aqui a cultura das colônias europeias, se mesclou com índios, negros e locais, mais apesar de abrasileirar-se também guardou e preservou aspectos das culturas de seus ancestrais. Como tudo isso influenciou a mulher gaúcha de hoje? Que particularidades essa mulher guarda em comparação com as demais brasileiras, que características elas têm em comum? Como a paisagem natural dos pampas impacta no temperamento e beleza dessa mulher? O artista mergulha nessas questões através da vivência do dia a dia, nas questões mais cotidianas, a procura dessa mulher tão brasileira e tão diferente, tão única.

Florianópolis, essa ilha de tantas praias e belezas naturais, escolha de muitos brasileiros como novo lar e de muitos estrangeiros também, guarda igualmente a influência europeia, ao mesmo tempo que carrega a cultura de uma típica cidade litorânea brasileira. Como essa afluência de pessoas de todo o Brasil e de fora do país marca a mulher de Florianópolis? O que ela tem de particular que a torna diferente e quais são as suas similaridades que fazem dela igualmente uma mulher tipicamente brasileira? Nosso artista viverá a atmosfera dessa bela cidade e tentará traduzir sob sua visão criativa a essência de mais essa beleza brasileira.

São Paulo, a nossa selva de pedras, de pessoas correndo sempre, sempre sem tempo a perder, sempre com tanto a fazer. Aqui existe uma mistura não apenas de tipos brasileiros, já que a cidade atrai há décadas naturais de vários estados que vem tentar a sorte e o futuro nessa megalópole, que parece não cansar de crescer. Gente de todo o Brasil, gente também de todo o mundo. Aqui são fortes as colônias italianas, de espanhóis, a japonesa, coreana. Difícil é conhecer no meio de tanta diversidade, alguém nascido na cidade, ou que não seja filha de nordestinos, gaúchos, mineiros, japoneses, italianos, e tantas outras culturas. São Paulo é um desafio em todos os sentidos. E como tudo isso impacta a mulher dessa cidade? Será ela mais cosmopolita mesmo que as mulheres de outras cidades do Brasil, em meio a tantas opções culturais, em meio a tantas diferenças, em meio a tanto concreto? Onde está a beleza no meio de tudo isso? Nosso artista mergulhará nesse mundo atrás da inspiração para descobrir que mulher é essa junto com



o espectador de nossa série.

Rio de Janeiro, ex-corte, ex-capital, mais que nunca perde a sua majestade. O Rio de Janeiro tem uma vocação para as artes, para a poesia, a música, a discussão intelectual. Ao mesmo tempo em que ressalta o lado das mazelas de um país desigual, malandro, do jeitinho. Mas que está mudando em busca de ética, de justiça de conquistas sociais. As mulheres do Rio de Janeiro são mesmo as mais bonitas do Brasil? E será que elas são apenas isso: bonitas? O que mais as mulheres cariocas tem a nos oferecer e que mistérios por acaso elas escondem longe dos clichês e dos estereótipos vendidos aos turistas? Samba, carnaval, futebol, praia, mar e sol, como a cultura e as paisagens cariocas influenciam e moldam essa mulher? Como ela se comporta numa cidade tão visitada por turistas do mundo todo? Como essa constante troca de culturas e experiências torna a mulher carioca mais brasileira e dicotomicamente mais distinta entre todas elas? Um delicioso desafio e uma viagem bela e desafiadora para fazermos juntos, sem dúvida.

Belo Horizonte, capital de um dos estados brasileiros de cultura mais arraigada, típica e única do Brasil. Culinária fortíssima. Cidades que guardam em suas ruas, em seus casarões, em suas igrejas, em seus santos, a história de um Brasil antigo, que viu aqui a luta pela independência, a corrida pelo ouro e pedras preciosas. Que viu nascer movimentos grandes nomes de nossa música, artísticas importantíssimos, poetas, escritores de primeira grandeza. Num país de litoral tão grande, como estar longe dele nos faz diferentes e únicos? Como tamanha carga cultural influência e faz a cabeça dessa mulher? A mulher mineira, a mulher de Belo Horizonte tem mesmo um jeito que é só seu? Que a torna mais ou menos misteriosa? Nosso artista viaja por todas essas questões com o seu olhar sempre atento e curioso a desvendar-nos segredos debaixo do véu da obviedade.

Goiânia, bem no centro do Brasil, tão longe do Litoral, viu crescer economicamente por meio do agronegócio, que ajudou a expandir pelo Brasil uma cultura sertaneja, que tomou conta não só das pessoas daqui, mas também do gosto popular e da alma de tantos brasileiros. Dessa cidade, saíram e saem modelos lindíssimas direto para as passarelas do Brasil e do mundo. Perto também da capital federal, Goiânia está próxima também de importantes questões políticas. Como o rural e o urbano convivem juntos, como o agronegócio e as questões ambientais conversam? Como tudo isso impacta a mulher de Goiânia? Bem no centro do Brasil, longe das praias e seus estereótipos, nosso artista tenta desvendar quem é essa mulher de características tão ímpar, e mesmo assim tão brasileiras.



Salvador, terra de todos os santos, a capital mais afro de todas as capitais do Brasil. Uma típica exportadora de cultura, de boa música e de mulheres fortes, talentosas e lindas, mas nunca iguais. Muitas delas já foram retratadas e imortalizadas pela literatura de Jorge Amado, pelas composições de Caymmi, Caetano, Gil e tantos outros. Salvador é praticamente um país dentro do Brasil tamanha a sua riqueza cultural e diversidade. Mas também apresenta grandes contrastes sociais e econômicos. Como tudo isso conversa com essa mulher local? Que baiana é essa que foge do estereótipo que compramos como turistas? Qual é o verdadeiro tempero da mulher baiana? Junto com nosso artista, nosso programa convidará nosso espectador a fazer também essa jornada cheia de ritmo, música, cor e calor.

Natal, conhecida por suas belezas naturais e tão contrastantes como litoral belíssimo de águas quentes e calmas, aliado a dunas quase desérticas, Natal é um grande centro turístico brasileiro que atrai mais e mais turistas a cada ano, com seu clima tropical o ano inteiro e mais perto da Europa que outras capitais do nosso vasto litoral. Como é a mulher de Natal? O que faz dessa mulher nordestina diferente das outras? O que a torna única? Como as mazelas econômicas vividas a anos pelo povo nordestino tem impacto em sua personalidade, em seu humor? Que visão ela tem de si e do Brasil? Vamos viajar através do olhar de nosso artista nessas peculiaridades que tornam essa cidade e essa mulher tão ricas e interessantes.

Fortaleza, uma das maiores e mais efervescentes capitais nordestinas, a capital cearense é famosa por sua orla de belas praias, suas dunas e suas falésias. Estado que é berço de comediantes famosos em todo o Brasil como Falcão, Chico Anysio, Tiririca, Tom Cavalcanti, Renato Aragão, assim como cantores e cantoras do porte de Fagner, Ednardo, Belchior. Região conhecida pelo seu machismo, como se comporta e vê tudo isso hoje a mulher do Ceará? Que mulher é essa? Onde está a sua beleza, suas particularidades? Como ela se destaca das demais brasileiras? Como o Brasil a vê e como ela se vê? Seguindo nosso artista, o espectador vai acompanhá-lo em mais essa aventura desvendando as belezas da mulher cearense.

Manaus, mais perto da floresta e mais perto de Miami que qualquer outra cidade brasileira. Aqui a influência do índio ainda é marcante. Mas Manaus quer ser urbana, que ir além do folclore, das belezas naturais. Um clima de umidade intensa como não sentido em nenhuma outra capital brasileira. Uma culinária que vem dos rios, repletas de peixes e excentricidades. Quem é a mulher de Manaus? O que a torna uma mulher única no Brasil? O que a torna tão brasileira quanto as demais? Como esse clima, essa paisagem, esse



ambiente únicos a influenciam e como ela conversa com todas essas questões tão complexas? Vamos literalmente mergulhar nas diferenças e particularidades dessa mulher local, desvendada pelo olhar de nosso artista tendo o espectador como nosso convidado especial.

Mas qual é o mapa dessa viagem por cada uma dessas 10 cidades tão distintas e dessas mulheres tão ricas assim como belas e diversas? Cada etapa dessa viagem única a cada episódio é o que passaremos a descrever sucintamente a partir de agora.

O programa sempre começa com o nosso personagem, o artista plástico, descobrindo uma cidade a partir de sua história, seus principais pontos turísticos e principalmente desvendando a importância do papel feminino na cultura daquele lugar. Em cada cidade visitada, faremos um exercício para buscar uma ligação sócio-cultural com algumas características da mulher local.

Exemplos: Como falar da Salvador sem falar da Gabriela de Jorge Amado, de Porto Alegre sem falar de Anita Garibaldi, bombacha e chimarrão ou falar do Rio de Janeiro sem citar Cartola, samba e mulatas, de São Paulo sem falar da miscigenação e pluralidade de raças com destaque para o bairro da liberdade com suas “orientais”.

Após conhecermos um pouco da cidade real por trás dos estereótipos, está na hora de conhecermos as personagens desse episódio. As mulheres que servirão ao mesmo tempo de inspiração para nosso artista, como igualmente de estrelas a cada programa.

No ato 2, teremos a escolha, através de visitas previamente estabelecidas, o artista sempre com base na história, cultura, hábitos e costumes de cada região selecionará algumas mulheres para iniciar seus ensaios e entrevistas. Tudo isso de maneira descontraída buscando o encontro de beleza e personalidade que faça de alguma maneira a representação da figura feminina daquela região..

No ato 3, teremos as entrevistas e ensaios com as mulheres escolhidas pela melhor representação com cada local. Abordaremos o relacionamento destas pessoas com a região, suas questões culturais, o que de fato se misturam entre a beleza do local e a mulher em si e suas relações pessoais. Um encontro entre artista e modelo em busca da obra de arte.

No ato 4, teremos as impressões tanto do lado artístico como do lado pessoal



das mulheres escolhidas descrevendo suas sensações desta experiência incomum. É a vez das mulheres exporem o seu lado, a partir do encontro ou confronto com a visão que o artista teve delas. É a fonte de inspiração refletindo sobre a obra de arte da qual ela foi musa. E a partir disso, descobrindo-se e descobrindo as particularidades dessa mulher local, identificando-se ou diferenciando-se desta.

E por último, no 5º ato, o artista destaca seus desenhos preferidos, técnicas utilizadas para estes resultados e sua experiência com as entrevistadas. Uma mostra de seu rico material iconográfico alcançado através das pesquisas sobre a região visitada.

Dessa forma, teremos um programa que se vale das belezas naturais do Brasil e suas paisagens incríveis e únicas para montar um cenário único a cada episódio. Com estrelas retiradas em meio à população local, mulheres de belezas exóticas, personalidades fortes e marcantes, singulares ao mesmo tempo que comuns, mas que a partir do olhar do artista se destacam em meio à multidão. Mas um programa que vai além da beleza das paisagens e das suas personagens. Porque vai em busca de suas histórias, de suas questões, do que elas tem de mais particular e humano. Tudo isso temperado pela cultura local, sua música, culinária, arte, influências sócio-econômicas e políticas. Porque ainda é verdadeira dizer que o Brasil não conhece o Brasil tão rico é esse país em contradições, tão rápido ele se transforma, ao mesmo tempo em que mantém as suas tradições locais.

Ainda temos uma visão distorcida e muitas vezes estereotipada de nossa população, do brasileiro médio. O que dizer então dessa mulher que cada vez mais ocupa seu lugar em meio a uma sociedade ainda machista, que coloca a mulher em segundo plano. Não se trata de um programa que pretende fazer um tratado antropológico dessa mulher que vem sendo retratada ao longo da história por artistas tão diversos, às vezes de maneira folclórica e pouco realista. Mas sim de usar este caldo cultural tão rico e pouco explorado em determinados aspectos para mostrar o Brasil através das suas mulheres, de suas qualidades, de suas particularidades, de suas belezas e excentricidades, tudo isso filtrado pelas lentes, pela ótica de um artista. Mas a mulher não é apenas musa inspiradora, não é apenas objeto. Ela é personagem central, ela é a estrela desta série, abrindo-nos seu mundo, compartilhando sua visão e experiências para nos mostrar um mundo novo, diferente, marcante.

E como o olhar do público é capaz de transformar a obra retratada, da mesma maneira o espectador deixa de ser um mero observador para se



transformar ele mesmo num artista ao fazer a sua releitura desse Brasil feminino, dessa mulher arte, desse país que tem vários países dentro de si e curiosamente mantém-se coeso. A visão do artista liberta o público para enxergar além, para perceber nessa mulher a beleza que vai muito além do que só os olhos treinados são capazes de enxergar e traduzir.

Trata-se de um produto cultural único, num momento propício onde o brasileiro volta-se para dentro, descobrindo a força de sua cultura, ao mesmo tempo em que busca e anseia por cultura que vá além do lugar comum. E tudo isso desvendado pela visão de um artista nacional de valor reconhecido serve para dar um valor que vai além do simples entretenimento, ajudando a compor uma reflexão artística por parte daqueles que assistem.

3. DECUPAGEM

MULHER ARTE**EPISÓDIO PORTO ALEGRE**

MINUTAGEM	TEXTO	IMAGEM
0:00:50		Logomarca ANCINE e Coprodutores
0:01:00	<p>Meu nome é Pedro Henrique Moutinho. Eu desenho mulheres (pausa) De preferência nuas.</p> <p>Na série, nós vamos visitar as cinco regiões do país, passando por Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza e Manaus.</p> <p>Vamos explorar as diferenças e as culturas de cada um desses lugares através da beleza de suas mulheres.</p> <p>Vamos descobrir como elas pensam, como se comportam, quais são seus hábitos, e gostos. Como são as mulheres de cada uma dessas cidades?</p> <p>E o que elas têm de mais particular e único?</p>	<p>O Apresentador</p> <p>Clip com imagens das cidades citadas</p> <p>Apresentador</p> <p>Clip com imagens das mulheres entrevistadas posando seminuas</p> <p>Apresentador</p>
0:01:36		CRÉDITOS INICIAIS
0:01:53	<p>Porto Alegre!! A capital mais ao sul do Brasil!</p> <p>Estado tradicionalista, que registra as mais baixas temperaturas do país. Terra do churrasco, do chimarrão, da cultura gaúcha, famosa por exportar modelos para as passarelas do mundo todo.</p> <p>Um lugar onde a imigração europeia deixou fortes marcas na fisionomia das pessoas, na arquitetura, na cultura.</p>	<p>Apresentador</p> <p>Narração do Apresentador sobre clip com imagens da cidade de Porto Alegre</p>



0:02:18	E a gaúcha? Qual o papel dela? Como é que ela vive? O que ela faz? Do que ela gosta? Que cara tem? Vamos descobrir?	Apresentador
0:02:28		Clip com imagens de Porto Alegre
0:02:49	No Rio Grande do Sul, toda mulher é modelo? E a beleza delas, é óbvia? O que elas têm a dizer? O clima subtropical e a paisagem dos pampas influenciam no seu temperamento? E qual característica faz de uma mulher uma gaúcha típica?	Apresentador
0:03:01	Agora eu vou conhecer algumas dessas garotas que a produção selecionou. No final, eu vou ter que escolher uma só. Acho que essa é a parte difícil!	Narração do Apresentador sobre clip com imagens das futuras entrevistadas
0:03:14		Imagem de Porto Alegre
0:03:20	Concorrente 1 Lauriane Belmonte – 29 anos Produtora de moda Apresentador: E aí, Lauriane? Tudo bom? Lauriane: Tudo! E tu? Tudo bem! Você é aqui de Porto Alegre, mesmo? Não, eu sou do interior do Rio Grande do Sul. Sou de São Borja, cidade dos presidentes! Posso tomar [chimarrão]? Claro! Fica à vontade! O que você faz?	Imagens da entrevista inicial



<p>0:03:50</p>	<p>Eu estudo jornalismo e eu trabalhei com moda muito tempo, assim.</p> <p>Vamos fazer um desenho?</p> <p>Vamos! Que que eu faço?</p> <p>Tira a roupa!</p> <p>(Risos)</p>	<p>Imagens da Concorrente 1 tirando a roupa até ficar de calcinha e soutien.</p>
<p>0:04:03</p>	<p>Você tem uma tatuagem escondida aí.</p> <p>Tenho. Aqui.</p> <p>Seus pais sabem que você está aqui, hoje?</p> <p>Não. A minha irmã já posou para a Playboy escondido também. E eles não falam muita coisa.</p> <p>A beleza é uma coisa de família?</p> <p>Eu acho. (risos) deve ser (risos)</p>	<p>A entrevista segue com a Concorrente 1 de calcinha e soutien</p>
<p>0:04:22</p>	<p>Tira o soutien pra mim?</p> <p>Você acha que Porto Alegre é uma cidade boa para paquerar?</p> <p>Para os homens é uma cidade incrível, para as mulheres, nem tanto. (risos)</p> <p>Falta homem, aqui?</p> <p>Falta. Nossa! Os homens de Porto Alegre vão querer me matar se me escutam falando isso, mas é verdade. Os homens aqui ainda são um pouco machistas.</p>	<p>A Concorrente 1 tira o soutien</p> <p>A entrevista continua com a Concorrente 1 somente de calcinha</p>



0:04:48	<p>Eu gostei muito de desenhar a Lauriane.</p> <p>Achei a Lauriane muito sedutora.</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmara</p> <p>Imagem da Concorrente 1 somente de calcinha</p>
0:04:55	<p>Você está com dificuldade de se concentrar?</p> <p>(risos)</p> <p>Você está vendo o que você está fazendo?! Você está desconcentrando a equipe inteira!</p> <p>(risos)</p> <p>Legal. Agora pode acabar. Agora eu morri de vergonha. Agora eu entrei no buraco.</p>	<p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 1</p>
0:05:14	<p>Você acha que {o desenho} lembra você?</p> <p>Eu acho que esse maxilar só eu tenho.</p> <p>(risos)</p> <p>E o olhar está muito bacana, também.</p>	<p>Apresentador mostra desenho para a Concorrente 1 que continua somente de calcinha</p>
0:05:24	<p>Concorrente 2 Cíntia Meneghetti – 37 anos Produtora de moda</p> <p>Oi! Prazer, Pedro. Tudo bem?</p> <p>Tudo! Mas eu vou fazer que nem no sul, né. Três beijos.</p> <p>Bom! Gostei disso!</p> <p>E você? É daqui de Porto Alegre?</p> <p>Sou, eu sou daqui mesmo. Nasci aqui, moro aqui e acho que não saio tão cedo daqui, também.</p> <p>O que que você faz?</p>	<p>Imagens da entrevista inicial</p>



0:06:03	<p>Eu trabalho com moda. Faço produção de moda, tenho um blog.</p> <p>E as gaúchas?</p> <p>Ah! Elas são osso duro de roer!</p> <p>É um povo difícil no geral, então?</p> <p>Ah! Eu acho que é um povo muito fechado! Um povo muito restrito!</p> <p>Então, vamos fazer um desenho seu?</p> <p>Vamos!</p> <p>Você quer que eu tire o soutien?</p> <p>Quero. Mas vai ser caro isso, heim!</p> <p>(risos)</p>	<p>Clip com imagens da Concorrente 2 tirando a roupa até ficar de calcinha e soutien.</p> <p>A entrevistada tira o soutien</p>
0:06:18	<p>Cíntia tem uma beleza...</p> <p>... muito particular. Muita atitude! Achei uma figura forte. Assim...encantadora.</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmera</p> <p>Imagens da Concorrente 2 somente de calcinha</p>
0:06:37	<p>As tatuagens... Você tem quantas?</p> <p>Acho que 10. 10 tatuagens!</p> <p>Mas faz 6 anos que eu não risco mais nada.</p> <p>Você acha que está bom?</p> <p>Acho que tá bom, meu! Tenho aqui {ombro}. Tenho na coluna.</p>	<p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 2</p>



	<p>Olha! Eu não tinha visto! O que que diz?</p> <p>Não é uma frase. Cada símbolo é uma palavra. Mas eu, para tirar onda, sempre falo "Sorria, você está sendo filmado."</p> <p>(risos)</p> <p>Tem a do braço, aqui, as ondas. Tem uma no meu quadril, uma pin-up. Tenho essas esterlinhas aqui [coxa]. Na outra canela eu tenho um gatinho. Eu gosto dos cachorros, mas eu sou muito mais os felinos. E tem uma que é secreta, né!</p> <p>Uma secreta?</p> <p>Uma secreta. Top secret.</p>	
0:07:31	<p>Concorrente 3 Joana Souza – 23 anos Estudante e modelo</p> <p>E aí, Joana!</p> <p>E aí! Eu preciso dizer uma coisa.</p> <p>Diga!</p> <p>Por favor, não leve a mal. Mas é que eu dei uma olhada no teu trabalho e achei que tu era um senhor.</p> <p>(risos)</p> <p>Fiquei mais à vontade.</p> <p>Precisa ter vergonha de mim? Vou ficar pequenininho perto de você.</p> <p>(risos)</p> <p>Me diz, você nasceu aqui em Porto Alegre?</p>	Imagens da entrevista inicial



0:08:18	<p>Nasci aqui em Porto Alegre. Moro aqui desde sempre.</p> <p>O que que você faz?</p> <p>Eu sou modelo.</p> <p>Lógico.</p> <p>Há 6 anos e sou estudante de letras.</p> <p>Vamos começar?</p> <p>Vamos começar!</p>	<p>Imagens da Concorrente 3 tirando a roupa até ficar de calcinha.</p>
0:08:34	<p>Posso ficar sentada? Eu sou muito grande!</p> <p>(risos)</p> <p>Eu estava pensando nisso!</p> <p>(risos)</p> <p>O que você gosta de fazer aqui em Porto Alegre?</p> <p>Em dias de sol: chimarrão. Normal, né! Chimarrão, pessoal, conversar. Gosto também de ir no Gasômetro, caminhar ali pela orla.</p>	<p>A entrevista continua com a Concorrente 3 somente de calcinha</p> <p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 3</p>
0:08:56	<p>Joana é linda! Tem um corpo maravilhoso! Mulher imensa, né!</p> <p>Um monumento! Joana é um monumento!</p>	<p>Imagem da Concorrente 3 somente de calcinha</p> <p>Apresentador fala direto para a câmera</p> <p>Imagem da Concorrente 3 somente de calcinha</p>
0:09:09	<p>Gostei do meu cabelo!</p> <p>Também gostei do seu cabelo.</p>	<p>Apresentador mostra desenho para a Concorrente 3 que veste com um casaco</p>

09:14	<p>Concorrente 4 Francine Vieira – 30 anos Modelo</p> <p>E você, é daqui de Porto Alegre?</p> <p>Sim. Na verdade eu nasci em ??, que é próximo daqui de Porto Alegre, mas cresci aqui na cidade.</p> <p>Gosta daqui?</p> <p>Gosto, bastante. No dia a dia é bem tranquilo. Agora, na verdade, é que eu sou mãe.</p> <p>Agora é integralmente mãe.</p> <p>Não integralmente. Mãe trabalhadora. Eu, na verdade, morava fora do país um tempo. Quando eu voltei pra cá, eu voltei direto para Porto Alegre. Nem questioneei ir para um polo maior – Rio ou São Paulo. Eu vou voltar para a minha família, para a minha cidade.</p> <p>Vamos fazer um desenho seu?</p> <p>Vamos!</p>	<p>Imagens da entrevista inicial</p>
0:09:53	<p>Toda gaúcha é modelo?</p> <p>Ah, não sei! Tem muita mulher bonita aqui, né!</p> <p>Tem.</p> <p>Tem bastante mulher bonita. Não sei se todas modelos, mas são todas mulheres muito batalhadoras e inteligentes.</p>	<p>Imagens da Concorrente 4 tirando a roupa até ficar de calcinha enquanto continua a entrevista</p>
0:10:08	<p>Eu acho que, quando a gente vem a Porto Alegre, a gente imagina encontrar mulheres como a Francine.</p> <p>Acho que ela tem uma beleza que é típica daqui.</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmera</p> <p>Imagem da Concorrente 4 somente de calcinha</p>





	<p>Gosto. Gosto. Também, se não gostasse, né! Minha família ia cortar os pulsos!</p> <p>Eles acham ruim?</p> <p>Acham difícil, né. Mas é uma família de artistas: meus pais eram bailarinos, meu irmão mais novo é músico, então...</p> <p>Eles sabem o que é.</p> <p>Eles sabem que não é fácil, mas a arte é uma opção bonita, né.</p> <p>Tira o seu vestido.</p>	
0:12:09		Imagens da Concorrente 5 tirando a roupa até ficar de calcinha.
0:12:18	<p>E as gaúchas? O que você acha que... quais são as características que são comuns às mulheres gaúchas?</p> <p>Acho que são metidas, mas no bom sentido, assim. Metidas, de meter o nariz, de fazer, de acontecer, de uma atitude mais de ímpeto. Que as mulheres gaúchas têm uma doçura, ao mesmo tempo que têm muita força, porque se usa o vestido, as saias, os saíotes, mas por baixo deles tem a bota, né, bota que pisa na lama, que vai à luta.</p>	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 5
0:13:08	<p>Deixa eu te mostrar.</p> <p>Ai, gente! Me emocionei! Que bonito!</p>	Apresentador mostra desenho para Concorrente 5 que continua somente de calcinha
0:13:18	Achei a Larissa curiosa, assim, sabe. Uma boa moça.	Apresentador fala direto para a câmera
0:13:25	Concorrente 6 Camille Campão – 25 anos Estudante e bailarina	Imagens da entrevista inicial



	<p>Tudo bom?</p> <p>Camille, prazer!</p> <p>Pedro, prazer!</p> <p>Eu nasci em Porto Alegre e moro aqui há muito tempo, E a minha relação com a arte, que talvez seja tanta quanto a tua, é que eu sou bailarina há 14 anos.</p>	
0:13:43	<p>Vamos fazer um desenho?</p> <p>Vamos.</p> <p>Queria que você tirasse o seu soutien, mas sem tirar a blusa, por enquanto.</p> <p>(risos)</p> <p>A gente vai complicando.</p>	
0:13:55		Imagens da Concorrente 6 tirando as roupas até ficar de blusa e calcinha
0:13:58	<p>Solta uma alça da sua blusa. É possível, isso? Deixa eu ver.</p> <p>A calcinha, você tiraria?</p> <p>De costas?</p> <p>Sim, claro!</p>	
0:14:18	<p>Você namora?</p> <p>Namorava, não namoro mais. Namorava um menino e uma menina. Agora só ficou a menina.</p> <p>(risos)</p> <p>Você namorava um menino e uma menina.</p> <p>Ahã.</p> <p>Namoravam os três?</p> <p>Namoravam os dois comigo.</p>	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 6



	<p>Mas entre eles, eles não namoravam?</p> <p>Não.</p>	
0:14:38	<p>A Camille é um arraso!</p> <p>Camille é bonita, é gostosa.</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmera</p> <p>Imagens da Concorrente 6 sendo desenhada</p>
0:14:44	<p>Ah! Eu sou louca por mulher. É a beleza da mulher que me atrai.</p> <p>Você acha que você é uma pessoa que tem muito tesão?</p> <p>Com mulher eu tenho.</p> <p>E aqui você deve ficar doida andando na rua, então!</p> <p>Ahã. Elas são lindas, né.</p> <p>Qual é o seu tipo de mulher?</p> <p>Que nem eu. Porque eu sei que eu sou linda!</p>	<p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Concorrente 6</p>
0:15:10	<p>Atrevida! É atrevida!</p> <p>Na vida...</p> <p>Muito interessante, isso.</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmera</p>
0:15:18		<p>Imagem de Porto Alegre</p>
0:15:23	<p>É um trabalho difícil! Hoje foi difícil!</p> <p>Escolher uma mulher em Porto Alegre! As mulheres aqui são todas maravilhosas! Dá pra sair na rua e escolher uma, mas das que a gente conheceu... Foi terrível ter que escolher uma só!</p> <p>A gente escolher a Cíntia, porque ela tem a força que a gente espera da mulher gaúcha, muito presente nela. Essa garra, essa fibra, esse temperamento,</p>	<p>Apresentador fala direto para a câmera</p> <p>Clip com imagens do apresentador desenhando as Concorrentes</p>



	este olhar incisivo, corpo deslumbrante, rosto maravilhoso. É isso! Vamos desenhar a Cíntia!	Apresentador fala direto para a câmera
0:16:17		Imagem de Porto Alegre
0:16:23	Tudo bom, Cíntia? Tudo bom, Pedro? Animada? Animada. Bem animada. Me diz uma coisa. Por que você acha que foi escolhida?	Imagens do encontro com a Vencedora
0:16:36	Eu fui escolhida porque eu tenho esse jeito porra loca, tenho atitude e eu sempre tenho o que eu quero. Eu sempre digo isso. O que eu quero, eu sempre tenho.	Vencedora fala direto para a câmera
0:16:45	Vamos começar? Vamos! Quer que eu tire os óculos [escuros]? Ou fique com os óculos? Porque com esse sol... Eu quero que você tire tudo! Há! Meu Deus! (risos) A gente já chega nos óculos. Vamos... Onde? Tirar a roupa?	Imagens do encontro com a Vencedora
0:16:59	Sobe esse pé aqui um pouquinho. Vamos tirar o soutien e os óculos? Vamos.	Imagens da vencedora tirando a roupa até ficar de óculos, calcinha e soutien.



	<p>E o colar?</p> <p>Fica. Gostei.</p> <p>Você acha que Porto Alegre é uma cidade mais da noite ou mais do dia?</p> <p>Do dia. Como eu falei antes, é uma cidade muito de casal. O nome era Porto dos Casais, né.</p> <p>Churrasco. Você gosta?</p> <p>Gosto. Mas eu como muito mais os complementos: a abobrinha assada, o pimentão recheado com queijo.</p> <p>Você sabe fazer churrasco ou churrasco é coisa de homem?</p> <p>Eu não sei fazer. Isso deixo para os guri fazerem, né. Eles gostam desse brinquedinho de ficar virando o espeto.</p> <p>(risos)</p> <p>E as mulheres gaúchas?</p> <p>Ah! As mulheres! O que eu vou falar? Vou puxar a farinha pro meu saco, né. São umas mulheres com muita atitude, né. Personalidade. Claro, tem muita fresca, né, uns mimimi como eu falo. Porque a gaúcha tem uma fama de ser bonita, sabe, acho que por ser essa fama tem umas muito metidas.</p>	<p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora</p>
<p>0:18:29</p>	<p>Muito bem! Faltou desenhar as tatuagens.</p> <p>Eu tenho tempo pra desenhar as tatuagens.</p> <p>Ah, tem? Então, tá.</p> <p>Eu tenho o dia inteiro para desenhar as tatuagens.</p> <p>Tem o dia inteiro!</p> <p>(risos)</p>	<p>Apresentador mostra desenho para a Vencedora</p>

0:18:45	E agora? Agora vamos fazer o seguinte: vamos achar um cantinho. Aí, de costas. Bom!	O Apresentador compõe a pose em outro cenário
0:18:54	Mas eu queria que você tirasse a blusa. Você acha que a gente poderia fazer isso sem calcinha? Pode. Vou cobrar um churrasco bem caro depois!	
0:19:10	Eu nunca tinha feito esse tipo de trabalho. Nunca ninguém me desenhou, nem caricatura. Aí eu achei que seria interessante, porque é um olhar diferente. Ele me viu de um jeito diferente que eu não me via, entendeu? Ele me viu uma mulher, assim – eu sempre falo isso pra ele – mas você está desenhando as minhas coxa muito grande! Eu soucoxuda, então, porque eu não vejo isso. Até uma bundinha. Ele fez uma bundinha bonitinha, naquela hora que eu estou de costas na árvore. Eu gostei.	Vencedora fala direto para a câmera Imagens do Apresentador desenhando a Vencedora Vencedora fala direto para a câmera
0:19:31	Cerveja ou vinho? Vinho. E o chimarrão? Chimarrão é só pra dar uma esquentadinha, assim. Lagartear no sol. Até na praia? Até na praia. No calorão. (risos)	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora





E as tradições gaúchas?

Olha! As tradições é que eu acho que são bem fortes. Oha, eu acho...acho, não, tenho quase certeza, é o único estado que sabe cantar o hino alegretense antes dos jogos de futebol. A gente canta mais alto e melhor do que o próprio hino do Brasil.

Você acha que ainda existe um sentimento separatista no Rio Grande do Sul?

Eu acho. Sabe que eu era bem a favor, sou, era não, sou. Teve uma história, uma vez, de o sul se separar do resto do Brasil – eu sou a favor!

Vocês acham que não precisam de nós?

Eu tenho certeza!

Vamos falar um pouco do gauchês.

Tá. “Chora!” A gente não fala Fala! – Chora!

(risos)

Fala algumas coisas que são típicas.

Típicas daqui? Tipo, o minuano. O minuano é um vento, né. Esse, frio. “O minuano daqui é de cortar os beiço!” – muito frio. “O frio de rangá cusco.” Isso é coisa nossa, né.

Bah! O bah é bem daqui.

O “chê” – a maioria das pessoas fala “tchê”, mas o interior fala “chê”. Na capital ninguém fala “tchê”, “barbaridade”. Isso é mais coisa de gaúcho da fronteira Uruguaiana.

“Tri” – o “tri” é ótimo. Tudo é “tri” – trilegal.

Aqui é o chimarrão, é a bergamota e o sol. E um gramado. Muito forte isso, aqui. A galera vai pra praça-no domingo, pra tomar chimarrão. É muito irado. Eu gosto daqui.



	<p>E o gaúcho tem um jeito diferente de se referir aos órgãos sexuais?</p> <p>Não. É tudo igual.</p> <p>Pinto é pinto...</p> <p>Ai! Pinto! Meio gay isso, né! Pinto, não.</p> <p>Como é melhor?</p> <p>Eles falam caralho, mesmo! Pau.</p> <p>Pinto...acho que criança fala pinto.</p> <p>(risos)</p> <p>O home tem pau e a mulher tem?</p> <p>Aqui eles chamam normal, chamam de buceta, mesmo. Assim não tem mimimi. Ia chamar de que? Periquita?</p> <p>Pau e buceta, sem mimimi.</p>	
0:22:24	<p>Agora, vamos fazer apoiada aí.</p> <p>Assim?</p> <p>Você pode tirar a calcinha pra mim?</p> <p>Por favor.</p> <p>Está ficando muito mal acostumado, heim!?</p> <p>(risos)</p>	<p>O Apresentador compõe a pose em outro cenário</p>
0:22:42	<p>Você usa minissaia?</p> <p>Não.</p> <p>E sair sem calcinha?</p> <p>Já. Ah! Tô com marido, tô de saia, pode saber que eu tô sem calcinha.</p> <p>(risos)</p> <p>Bom, saiu com o marido, saiu sem calcinha. E aí, você mostra pra ele?</p>	<p>A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora</p>



	Ele sabe! É bom ele saber, não precisa tocar ou levantar a saia. O negócio é que ele sabe que eu tô ali.	
0:23:09	O que eu mudaria na Cíntia? No máximo, o estado civil!	Apresentador fala para a câmera
0:23:16	E o homem gaúcho? Como é que ele é na relação com a mulher? Ele é carinhoso, honesto, sabe, sincero. Joga na real – a verdade na lata! Quer, quer. Não quer, não quer. Não tem meio termo. Eu gosto disso, homem... homem com H. Sexo na rua, você já fez? Não. Por que me olha com essa cara?! Porque tenho cara de que faço na rua? (risos) Porque você está mentindo! Ah! Uma vez, na beira da praia, na Praia Brava. Se meu marido sonha que tô contando isso! Raspa minha cara na lage! (risos) Sou mais de um sofá, numa cama, num tapete do que na rua, fazendo malabarismo. Como é que você gosta de fazer? Ah! Bem pergunta de homem, né! Eu gosto de tudo, mas a minha preferida é de lado e de quatro. E com menina? Com menina? Já, já fiquei com menina.	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora



	<p>Como foi?</p> <p>Foi bom. É diferente, né, mulher. Dei de presente pro marido.</p> <p>Mas que marido de sorte! Acho que isso é um exemplo! Você é um exemplo de mulher!</p> <p>Eu não estou contando aqui pra contar vantagem, mas é verdade.</p> <p>Eu acho que isso é muito educativo! Acho que isso é que é um presente de dia dos namorados!</p> <p>É. Só que agora eu quero a minha parte e ele não quer. Óbvio!</p> <p>Quer com outro, também?</p> <p>Claro! Só que gaúcho não aceita, né. Deus me livre!</p>	
0:24:56	O desenho que eu mais gostei foi o da mesa de sinuca, por incrível que pareça!	Vencedora fala para a câmera
0:25:00	<p>Você vai me odiar de ficar com o braço pra cima, você sabe, né.</p> <p>Eu seguro assim.</p> <p>Assim é lindo!</p>	O Apresentador compõe a pose em outro cenário
0:25:06	<p>Você acha que gaúcho gosta mais de peito ou de bunda?</p> <p>Eu sei do meu gaúcho. O meu gosta de peito.</p> <p>Com quantos anos você perdeu a virgindade?</p> <p>18.</p> <p>E como foi?</p> <p>Horrível!</p> <p>Horrível?!</p>	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora nua



	<p>Horrível. A primeira vez é horrível! Você não sabe o que vai acontecer.</p> <p>Foi com a pessoa certa, pelo menos?</p> <p>Com certeza, não.</p> <p>(risos)</p> <p>Se tivesse sido, teria sido melhor?</p> <p>Eu acho que um cara só não é bom. Você tem que experimentar vários, né. Até achar o bom, e ficar com esse bom.</p> <p>E hoje em dia, quanto tempo dura uma transa?</p> <p>Uma média, né. Porque depende. Uns trinta minutos?! Quarenta?! Acho que está ótimo! Esses negócios de duas horas não existe. Só kama sutra.</p> <p>Você goza fácil?</p> <p>Não, tem que suar um pouquinho.</p> <p>E ficar pelada assim, no meio do rio?</p> <p>É bom esse ventinho.</p> <p>(risos)</p> <p>Hoje eu vi sua tatuagem secreta.</p> <p>Viu?</p> <p>Vi.</p> <p>Aliás, todo mundo vai ver.</p> <p>Que que tá escrito?</p> <p>Safado. Abaixou minha calcinha, só pode ser safado, né?!</p>	
0:26:21	O desenho que eu mais gostei foi, sem dúvida, ...	Apresentador fala direto para a câmera



	aquele dela em pé, nua, com o Guaíba no fundo. Acho que ela tava imponente. Achei incrível!	Imagens da Vencedora posando nua com o Guaíba ao fundo
0:26:41	Fica assim, tá bom?	O Apresentador compõe outra pose
0:26:44	Vamos falar mais sacanagem? É o que você quer ouvir! O que você acha de pau? Pau é um negócio bonito? Não acho bonito. Não é esteticamente bonito. Sexo oral? Você gosta de fazer? Mas as suas perguntas, vou te contar! Demais? É, né! Ah! Gosto, gosto! Gosta mais de fazer ou de receber? De fazer. Sexo anal? Putá que pariu, heim?! Tá, tá bom! (risos)	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora nua
0:27:22	Ah! Eu não respondi se eu fazia sexo anal. Ah! Eu prefiro os dois sexos, mas o anal eu acho mais gostoso, mais interessante. É, prefiro o anal! Sortudo o marido, né!	Vencedora fala direto para a câmera Imagens da Vencedora em diversas poses e cenários Vencedora fala direto para a câmera
0:27:32	Pornografia. Assiste? Eu gosto de site. Não filme.	A entrevista continua enquanto o Apresentador faz o desenho da Vencedora



	<p>Site? Que tipo de site?</p> <p>Amador, sabe.</p> <p>Sexo amador.</p> <p>È, porque essas coisas filmadas, assim, uma galera! Qual a graça? Vocês é que gostam de ver só meteição, meteição. Mulher é um...</p> <p>O que você gosta de ver?</p> <p>Gosto de uma coisa meio amador, né. Mesmo que não seja amador, né, mas tem aquele... Não aquela coisa direto, entendeu? Fuck, fuck, fuck só. Isso aí é vocês é que gostam.</p> <p>Fetiche?</p> <p>Não tenho fetiche. Tá na cabeça de vocês, entendeu? Vocês desenham um troço assim, ah, que ela vai dar em público, que ela vai fazer e acontecer.</p> <p>Gozar no corpo?</p> <p>Pra mim, tanto faz. Mais uma vez, isso é coisa de homem.</p> <p>Coisa de homem? Você acha que...</p> <p>Olha só, eu acho um troço fedorento, grudento.</p> <p>(risos)</p> <p>É só pro prazer do cara?</p> <p>Só! Deu! Acabaram as perguntas!</p> <p>(risos)</p>	
0:28:39		Imagem de Porto Alegre
0:28:45	Esse foi o desenho que eu escolhi para Porto Alegre. Foi um que a gente fez ali no pier, no Guaíba, com a cidade ao fundo.	Apresentador fala para a câmera



	<p>Acho que a pose da Cintia é bonita, traz a força da mulher gaúcha...</p> <p>Ressalta muito, assim, a beleza da mulher.</p> <p>Acho que tem aqui as cores do rio, do céu, da vegetação, da cidade, com um tratamento urbano como Porto Alegre.</p>	<p>Imagens da Vencedora na pose escolhida</p> <p>Apresentador fala para a câmera</p>
0:29:13		Imagem de Porto Alegre
0:29:18	<p>Porto Alegre é uma cidade que, pra você achar uma mulher bonita, basta você sair na rua.</p> <p>Isso é muito especial!</p>	Apresentador fala para a câmera
0:29:28		Imagem de Porto Alegre
0:29:57		Crédito Finais
0:30:22		Vinheta da produtora
0:30:28		Logomarca ANCINE + Texto Descritivo
0:30:32		FIM

4. RELATÓRIO PRELIMINAR CPC

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS



NUP: 01580.018439/2015-62

Projeto.....: **Mulher Arte**
SALIC.....: 13 - 0282
CPB.....: B1402071100000
Processo ANCINE: 01580.017373/2013-21
Proponente: Santa Rita Filmes EIRELI - ME
CNPJ.....: 15.479.865/0001-50



**RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015 -
PRELIMINAR**

1. APRESENTAÇÃO DO OBJETO PACTUADO

1.1. Finalidade: Trata-se de projeto de produção de uma série documental destinada ao mercado de "Serviço de Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura", com 10 episódios de 30 minutos de duração, intitulada "Mulher Arte" (folha 43).

1.2. Escopo Técnico:

1.2.1. Mercado de Veiculação → Serviço de Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura (folha 43);

1.2.2. Formato de captação → HD (folha 43);

1.2.3. Formato de finalização → Suporte e Sistema Digital de Alta Definição (folha 43);

1.2.4. Sinopse → Não consta no formulário Solicitação de Análise Complementar (folhas 97 a 100) sinopse para o projeto, entretanto a proponente informa, em seus Objetivos, que "a abordagem principal é a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crenças, religiões, hábitos e costumes, retratando a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada". A sinopse apresentada na proposta inicial é a seguinte: "Mulher Arte é uma série documental que mistura arte, paisagens brasileiras, seu povo, hábitos, crenças, tudo isso sob o olhar multifocal de um artista plástico que percorre o país em busca de um caminho para que se possa descobrir a beleza brasileira, espelhada nas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local. Brasil, um caldeirão de culturas e que uma de suas maiores riquezas encontra-se na diversidade de raças, povos e religiões. Um país miscigenado, onde a beleza se expressa também em suas mulheres." (folha 02, verso);

1.2.5. Argumento → O argumento apresentado para o processo de análise complementar encontra-se entre as folhas 107 a 113.

1.2.6. Plano e Material de Divulgação → Por tratar-se de obra destinada ao mercado de Serviço de Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura, não constam no orçamento aprovado previsão de gastos com a comercialização da obra.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

2.1. Forma de Análise: A priorização da análise da Prestação de Contas Final do presente projeto foi solicitada pelo Superintendente de Fomento da ANCINE em 09/03/2015 (folha 331) e deverá ser objeto de Análise Financeira completa

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Continuação do RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015



2.2. Histórico do processo: O projeto foi aprovado para captação pela Superintendência de Fomento da ANCINE em 31/07/2013, conforme Despacho SFO / CAP (folha 44), publicado no DOU de 08/08/2013 (folha 89, verso). Em 19/09/2013, a proponente protocolou na ANCINE Solicitação de Análise Complementar do projeto (folhas 96 a 148), a qual foi aprovada pela Diretoria Colegiada em 22/10/2013, conforme Despacho DIR 8892 / 2013 (folha 170), publicado no DOU de 06/11/2013 (folha 182).

2.3. Origem dos Recursos: O Relatório SIA (folha 314) demonstra a origem dos recursos aprovados / captados para realização deste projeto, resumido a seguir:

MECANISMO	APROVADO	CAPTADO
Artigo 39 da MP 2.228-1/01	755.158,80	755.158,80
Contrapartida	39.745,20	**40.000,00
TOTAL	794.904,00	795.158,80

** Valor declarado pela proponente como Contrapartida Executada (folhas 265 e 266), sujeito a análise.

2.4. Material Entregue:

2.4.1. Filme: O proponente apresentou 03 DVDs contendo 10 episódios (folha 309): DVD 01 = EP01 – Porto Alegre, EP02 – Belo Horizonte, EP03 – Salvador e EP04 – São Paulo; DVD 02 = EP05 – Florianópolis, EP06 – Rio de Janeiro e EP07 – Recife; DVD 3 = EP08 – Goiânia, EP09 – Fortaleza e EP10 – Manaus.

2.4.2. Estes DVDs não estão autorados, consistindo em versões não comerciais da obra. Cada um dos episódios tem, aproximadamente, 30 minutos de duração.

3. ANÁLISE DO OBJETO

3.1. Obra

3.1.1. Tipo de Obra e Abordagem do Tema: A obra produzida é uma série com 10 episódios. Entretanto, tanto o tipo de obra como a abordagem do tema propostos no projeto aprovado diferenciam-se expressivamente do executado.

O projeto aprovado previa a realização de uma obra audiovisual seriada do tipo "Documentário" (folha 97) que buscava descobrir como a mulher brasileira, em sua beleza, espontaneidade e diversidade, se relaciona com o contexto múltiplo da cidade em que vive. A partir dessa ideia central, o Objetivo (folha 98), a Justificativa (folha 98) e o Argumento (folhas 107 a 113) apresentam diversos temas a serem investigados/considerados: a relação da mulher com o povo, a história, a cultura, as crenças, a paisagem, os hábitos, as tradições, a economia, a política e os costumes dessa cidade, ressaltando pretender ir além da visão estereotipada existente sobre nossas mulheres e nossa sociedade (*"Ainda temos uma visão distorcida e muitas vezes estereotipada de nossa população, do brasileiro médio. O que dizer então dessa mulher que cada vez mais ocupa seu lugar em meio a uma sociedade ainda machista, que coloca a mulher em segundo plano."* – folha 112).

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Continuação do RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015

ancine

Agência Nacional
do Cinema



Ainda segundo o Objetivo, a Justificativa e o Argumento aprovados na Análise Complementar do projeto, a abordagem desse tema se daria através da visão de um artista plástico que buscaria, em sua visita a dez cidades brasileiras, retratar algumas de suas mulheres *"de belezas e características tão distintas **flagradas em seu cotidiano** e convidadas a nos mostrar um pouco de sua visão da vida, de seus questionamentos, de suas impressões e reflexões sobre o Brasil."* (Justificativa: folha 98 e Argumento – folhas 111 e 112 – grifo nosso), uma proposta que, ao nosso ver, retomaria uma tradição da pintura que no Brasil é representada por artistas como Frans Post, Debret, Rugendas, Tarcila do Amaral, Portinari, Di Cavalcanti, Cícero Dias, passando pelas gravuras de cordel e pela arte naïf.

Entretanto, na visualização dos episódios apresentados junto à Prestação de Contas Final do projeto observamos que a abordagem da beleza da mulher brasileira difere-se da aprovada, uma vez que cada episódio não busca documentar a relação da mulher com sua cidade, em seu cotidiano, a partir da visão de um artista plástico. Na série apresentada, as cidades funcionaram não como objeto de investigação, mas como mero cenário para o registro da atuação de um artista plástico/apresentador/entrevistador interessado em registrar a nudez de diversas mulheres locais (as duas frases que abrem todos os episódios da série são *"Meu nome é Pedro Henrique Moutinho. Eu desenho mulheres...de preferência nuas."*) e saber as opiniões e hábitos sexuais destas mulheres totalmente retiradas de seu cotidiano, numa abordagem mais próxima ao que chamamos de "Formato" (como é o caso, por exemplo, dos reality shows) do que do "Documentário".

A estrutura dos episódios proposta no Argumento apresentado tanto na proposta inicial quanto na Solicitação de Análise Complementar era a seguinte:

O programa sempre começa com o nosso personagem, o artista plástico, descobrindo uma cidade a partir de sua história, seus principais pontos turísticos e principalmente desvendando a importância do papel feminino na cultura daquele lugar. Em cada cidade visitada, faremos um exercício para buscar uma ligação sócio-cultural com algumas características da mulher local.

Exemplos: Como falar da Salvador sem falar da Gabriela de Jorge Amado, de Porto Alegre sem falar de Anita Garibaldi, bombacha e chimarrão ou falar do Rio de Janeiro sem citar Cartola, samba e mulatas, de São Paulo sem falar da miscigenação e pluralidade de raças com destaque para o bairro da liberdade com suas "orientais".

Após conhecermos um pouco da cidade real por trás dos estereótipos, está na hora de conhecermos as personagens desse episódio. As mulheres que servirão ao mesmo tempo de inspiração para nosso artista, como igualmente de estrelas a cada programa.

No ato 2, teremos a escolha, através de visitas previamente estabelecidas, o artista sempre com base na história, cultura, hábitos e costumes de cada região selecionará algumas mulheres para iniciar seus ensaios e entrevistas. Tudo isso de maneira descontraída buscando o encontro de beleza e personalidade que faça de alguma maneira a representação da figura feminina daquela região..

No ato 3, teremos as entrevistas e ensaios com as mulheres escolhidas pela melhor representação com cada local. Abordaremos o relacionamento destas pessoas com a região, suas questões culturais, o que de fato se misturam entre a beleza do local e a mulher em si e suas relações pessoais. Um encontro entre artista e modelo em busca da obra de arte.

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Continuação do RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015

ancine
Agência Nacional
do Cinema



No ato 4, teremos as impressões tanto do lado artístico como do lado pessoal das mulheres escolhidas descrevendo suas sensações desta experiência incomum. É a vez das mulheres exporem o seu lado, a partir do encontro ou confronto com a visão que o artista teve delas. É a fonte de inspiração refletindo sobre a obra de arte da qual ela foi musa. É a partir disso, descobrindo-se e descobrindo as particularidades dessa mulher local, identificando-se ou diferenciando-se desta.

E por último, no 5º ato, o artista destaca seus desenhos preferidos, técnicas utilizadas para estes resultados e sua experiência com as entrevistadas. Uma mostra de seu rico material iconográfico alcançado através das pesquisas sobre a região visitada.

Já os episódios visionados apresentam uma estrutura (quadro abaixo) que justifica as conclusões anteriores: nos 30 minutos de programa, temos aproximadamente 2 minutos de imagens e informações sobre a cidade, acompanhados de aproximadamente 26 minutos de imagens das Concorrentes e da Vencedora sendo desenhadas seminuas ou nuas e respondendo a perguntas de cunho sexual ou generalista, numa abordagem claramente erótica (em matéria sobre o lançamento da programação 2014 da HBO Latin America, o repórter Daniel Castro, do UOL, informa que a própria coprodutora desta série, a HBO, classifica a obra como erótica, como pode ser verificado na matéria à folhas 332, adjetivo este repetido em matéria assinada pela repórter Maria Clara Lima do site Teleséries sobre o lançamento da programação HBO 2014, às folhas 333 a 335).

A transcrição do episódio Porto Alegre (folhas 337 a 360) e a minutagem simplificada dos demais episódios da série (folhas 361) auxiliam na conclusão de que a obra apresentada não pode ser considerada um "Documentário", mas sim um "Formato".

Trecho	Descrição do Trecho	Duração Aproximada do Trecho
1. Introdução da série	Apresentação da série	00:00:53
2. Introdução da Cidade e de suas Mulheres	O Apresentador narra, sobre um clip com imagens da cidade visitada naquele episódio e das mulheres que entrevistará, alguns fatos e lugares comuns conhecidos sobre elas	0:01:27
3. As Concorrentes	O Apresentador é apresentado as 06 jovens mulheres concorrentes, selecionadas previamente pela produção do programa, que são entrevistadas individualmente. Após solicitar que cada uma delas tire as roupas (no que é atendido prontamente), o Apresentador começa a fazer um desenho das mesmas, enquanto faz algumas perguntas de cunho sexual ou generalistas.	0:11:58

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Continuação do RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015



4. A Escolhida	O Apresentador fala, diretamente para a câmera, qual das entrevistas ele considerou a Vencedora, a quem irá desenhar por um dia inteiro	0:01:39
5. A Vencedora	O Apresentador faz desenhos da Vencedora, na maioria das vezes completamente nua, em poses e cenários variados, enquanto continua a fazer perguntas de cunho sexual ou generalista	0:12:00
6. Conclusão	O Apresentador apresenta o desenho escolhido, finalizado, explicando suas escolhas artísticas e terminando por emitir uma opinião final sobre a cidade escolhida	0:00:33

As constatações acima levam a conclusão de há um desvio de finalidade (o tipo de obra produzida foi um "Formato" e não um "Documentário") **e de objeto** (registro da nudez e das opiniões e hábitos sexuais de diversas mulheres brasileiras e não o registro de mulheres de beleza e características distintas flagradas em seu cotidiano e na sua relação com a cidade) **da obra produzida em relação ao projeto aprovado.**

3.1.2. Padrão Técnico Imagem e Som: A obra oferece padrão técnico de imagem e som **compatível** com os padrões praticados no mercado.

3.1.3. Formato da Obra e Duração: O projeto aprovado previa a produção de uma série com 10 episódios de 30 minutos de duração cada. O material entregue **confirma** a execução do pactuado.

3.1.4. Depósito Legal: Não temos, até o momento, confirmação da efetivação do depósito obrigatório de cópia desta obra, em suporte e sistema de alta definição, na Cinemateca Brasileira. **Sugerimos envio de diligência à proponente solicitando a regularização desta questão.**

3.2 Comercialização:

3.2.1. Mercado Prioritário: O cenário analisado indica que a série "Mulher Arte" teve sua estreia na HBO Latin America no dia 24/07/2014, às 23h (folha 336), não tendo sido possível determinar, entretanto, as datas e horários de exibição dos demais episódios da obra. Diante disso, **sugerimos o envio de diligência à proponente solicitando declaração do programador, na qual sejam informados as datas e o horário de exibição de cada um dos episódios.**

3.2.2. Registros:

3.2.2.a. Certificado de Produto Brasileiro – CPB: A série Mulher Arte teve seu CPB emitido em 16/01/2014 – Nº B1402071100000 (folhas 325 a 327 e 337).

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO
COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Continuação do RELATÓRIO DE ANÁLISE DE CUMPRIMENTO DO OBJETO Nº 050 / 2015



3.2.2.b. Certificado de Registro de Título – CRT: A série Mulher Arte teve seu CRT para o segmento de mercado "Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura" emitido em 27/01/2014 – Nº 04040100355520147 (folhas 328 a 330)

3.3. Logomarca Obrigatória: Considerando que o presente projeto teve sua análise complementar aprovada em 22/10/2013, a aplicação da logomarca obrigatória deverá seguir ao estabelecido na Instrução Normativa 85 / 2009 e no Manual de Aplicação da Logomarca – Versão 1.0.

3.3.1. Episódios 01 a 10

3.3.1.a. Créditos Iniciais: Cada um dos 10 episódios da série "Mulher Arte" apresenta, abrindo seus créditos iniciais, uma cartela contendo a Logomarca ANCINE em cor sobre fundo preto por 5 segundos, atendendo ao estabelecido na legislação aplicável acima referida.

3.3.1.b. Créditos Finais: Cada um dos 10 episódios da série "Mulher Arte" apresenta, encerrando seus créditos finais, uma cartela contendo a Logomarca ANCINE em cor sobre fundo preto acompanhada do Texto Descritivo, por 5 segundos, atendendo ao estabelecido na legislação aplicável acima referida.

4. CONCLUSÃO

4.1. O cenário analisado demonstra o cumprimento das seguintes características:

- (a) Padrão técnico de imagem e som compatíveis com o praticado no mercado;
- (b) Formato e Duração compatíveis com a de obra seriada pactuada;
- (c) Regularidade quanto à emissão do CPB e do CRT; e
- (d) Regularidade quanto à aplicação da Logomarca ANCINE nos créditos iniciais e finais de cada um dos episódios.

4.2. O cenário analisado demonstra a ocorrência das seguintes irregularidades:

- (a) Desvio de finalidade e de objeto em relação ao projeto aprovado;
- (b) Não efetivação do Depósito Legal obrigatório; e
- (c) Não comprovação da exibição de cada um dos episódios.

4.3. Diante da constatação da irregularidade relatada no Item 3.1. (desvio de finalidade e de objeto), sugerimos o encaminhamento da questão para consideração superior.

4.4. Com relação às irregularidades relatadas no Item 3.1.4 (ausência de depósito legal) e no Item 3.2.1 (ausência de comprovação de exibição de todos os capítulos no mercado de exibição prioritário), sugerimos o envio de diligência à proponente solicitando a regularização das mesmas.

Rio de Janeiro, 20 de março de 2015.



Márcia Váladares Viegas Lopes
Especialista em Regulação
SIAPE nº 1711275



5. NOTA TÉCNICA CDI

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM:
		NUMERO:
		DATA:
		17/09/2014

1. INTERESSADO

1.1 – DIRETORIA COLEGIADA DA ANCINE

2. ASSUNTO

Processo: 01580.038961/2014-80,
 Projeto "Mulher Arte 2ª Temporada"
 Proponente: Santa Rita Filmes EIRELI - ME.

3. REFERÊNCIAS

- 3.1 – Instrução Normativa ANCINE nº 22,
- 3.2 – Despacho nº 86/2014 ANCINE/SFO/CDI (fl. 23);
- 3.3 – Processo nº 01580.017373/2013-21, referente à 1ª Temporada da Obra
- 3.4 – Despacho de aprovação da 1ª Temporada, fl. 44 daquele processo.

4. DOS FATOS

- 1. Trata-se de pedido de Análise Complementar do projeto "Mulher Arte - 2ª Temporada", nos termos do Art. 36-B e 36-C da Instrução Normativa Nº 22, conforme solicitação de análise (fis. 39-42).
- 2. A aprovação ocorreu por meio do despacho nº 86/2014 SFO/CDI, de 17/06/2014, e a decisão publicada no DOU de 25 de junho de 2014. Nos termos do referido despacho nº 112, o projeto foi aprovado como obra seriada em segunda temporada, do tipo documentário, tratando-se de obra derivada.
- 3. Às fls. 133-134 do processo foi juntado o Parecer nº 252 SFO/CDI favorável à aprovação da Solicitação de Análise complementar, após análise do atendimento às condições de obra brasileira independente, dos direitos para realização da obra e do Contrato de Coprodução via investimento pelo mecanismo do Art. 39 da MP 2.228-1/2001, cujos termos foram apontados como condizentes com o previsto na Deliberação nº 95/2010.
- 4. À Fl. 142 foi juntado o Parecer nº 229 SFO/CAC, contendo detalhamento financeiro e sugerindo a aprovação e encaminhando à consideração superior.
- 5. Como demonstra o despacho nº 717 ANCINE/SDC/2014, a Diretoria Colegiada da ANCINE autorizou a Superintendência de Fomento - SFO a retirar o processo de Pauta para diligências.
- 6. A SFO solicitou a retirada de pauta pela preocupação com as características efetivas do projeto, que poderiam não ser conformes àquelas apresentadas durante a fase de aprovação e análise complementar. O projeto em questão já está com sua 1ª temporada em exibição no segmento de TV paga, e demonstraria, suspeitou-se, um conteúdo diverso daquele apresentado no argumento inicial da obra. A obra seriada tem conteúdo de cunho erótico, algo que não estava aparente nos autos durante a fase de aprovação do projeto, mesmo no presente caso da 2ª temporada.
- 7. O processo foi encaminhado à CDI, para análise do enquadramento da obra, partindo do pressuposto de que a 2ª Temporada seguirá proposta idêntica a da 1ª Temporada. Passa-se a seguir a tratar dos argumentos de ambas as temporadas e da obra efetivamente produzida na 1ª Temporada, para na sequência analisar a 2ª Temporada quanto à sua compatibilidade com os mecanismos de incentivo e à sua efetiva classificação enquanto obra audiovisual.

5. DO ARGUMENTO DA 1ª TEMPORADA E CUMPRIMENTO DO OBJETO

- 1. A análise do processo relativo à 1ª Temporada de Mulher Arte (processo nº 01580.017373/2013-21; SALIC 13-0282) permite questionar se há compatibilidade entre a

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM:	CDI / SFO
		NÚMERO:	02/2014
		DATA:	17/09/2014

descrição textual da obra oferecida pela proponente e a obra efetivamente produzida e veiculada.

2. Com efeito, foram apresentados pela proponente alguns documentos que, textualmente, tentam descrever e organizar o que a obra audiovisual buscaria retratar. Nomeadamente, foram juntados ao processo uma sinopse, fl. 02, um 1º argumento juntado na aprovação fls. 02-05, e um 2º argumento juntado quando da solicitação de análise complementar, fls. 103-113.

DA SINOPSE

3. A sinopse descreve a obra como *"uma série documental que mistura arte, paisagens brasileiras, seu povo, hábitos, crenças, tudo isso sob o olhar multifocal de um artista plástico que percorre o país em busca de um caminho para que se possa descobrir a beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local"*
4. Perceba-se que a descrição fornecida é bastante abstrata e não permite avaliar com clareza como a obra organizar-se-á. Há apenas uma ideia geral do tema a ser abordado.

DO 1º ARGUMENTO – APRESENTADO NA APROVAÇÃO

5. Já o argumento apresentado na solicitação de aprovação fornece mais elementos. O texto indica que *"a abordagem principal é a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crenças, religiões, hábitos e costumes, retratando a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada"*.
6. No trecho acima destacado, já é possível notar uma intenção de exibir o artista retratando as mulheres entrevistadas. Essa característica fica mais clara no 2º argumento, quando é tratada de forma um pouco mais pormenorizada a estrutura da obra, como será notado em seguida.
7. Segundo a descrição oferecida, a obra dividir-se-ia em 5 atos. No primeiro, a proposta seria mostrar a cidade, suas atrações e sua história. No segundo haveria a escolha das mulheres, *"sempre com base na história, cultura, hábitos e costumes de cada região"*, para o ensaio com o artista. No terceiro ato haveria o ensaio propriamente dito, *"Um encontro entre artista e modelo em busca da obra de arte"*. No quarto ato seriam dadas as impressões do artista e da retratada e, no ato final, o artista destacaria *"seus desenhos preferidos, técnicas utilizadas para estes resultados e sua experiência com as entrevistadas"*.
8. Note-se que neste primeiro argumento apresentado não há indicação clara de que estes ensaios terão uma proposta sensual.

DO 2º ARGUMENTO – APRESENTADO NA ANÁLISE COMPLEMENTAR

9. O 2º argumento apresentado, aquele juntado quando da solicitação de análise complementar do projeto, descreve a obra de forma similar, mas de forma mais detalhada, indicando de maneira mais clara que os ensaios retratados terão uma proposta sensual.
10. Com efeito, há trechos das descrições dos atos 2, 3 e 4 que sugerem um conteúdo erótico. No ato 2, a descrição dá conta de que o artista fará perguntas *"sobre a cidade, região e algumas sobre a vida pessoal da candidata e com algumas pode até pedir para ver o corpo e esboçar um desenho rápido"*. No ato 3, no qual ocorre o ensaio, é escolhida uma locação e o artista escolhe as roupas a serem usadas pela mulher retratada. Durante o ensaio, a proposta é continuar a entrevista da retratada com perguntas relacionadas à cidade, perguntas pessoais como *"Você tem namorado?"*, *"Como você enxerga a sensualidade de uma mulher?"*, *"Tem desejos e quais?"* e perguntas picantes como: *"Qual o melhor lugar dessa cidade para fazer sexo? Está excitada com este ensaio?"*. No ato 4 ocorreriam os depoimentos, sendo que a mulher *"conta se foi natural, como se sentiu posando em alguns momentos até despida(...)"*.

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM:	011 / SFO
		NUMERO:	02/2014
		DATA:	17/09/2014



11. É possível constatar, a partir do 2º argumento, que a obra tem uma proposta que inclua conteúdo erótico, com ensaios retratando mulheres em alguns momentos despidas e perguntas que envolvem questões pessoais e sexuais.

DA OBRA AUDIOVISUAL PRODUZIDA

12. Analisados os documentos que descrevem a temática da obra, sua proposta geral e organização, resta saber se a obra efetivamente produzida está de acordo com os termos aprovados pela ANCINE.
13. A obra divide-se em 7 episódios de 30 minutos e obedece a estrutura proposta de 5 atos.
14. No primeiro ato a obra é introduzida. Já na abertura, o apresentador se descreve como um artista que desenha mulheres preferencialmente nuas. Em seguida, há a narração de um texto descrevendo a cultura local, entre outras particularidades, com a exibição de imagens captadas em locações de importância para a cidade. Esse primeiro ato, em geral, tem a duração de 2 minutos.
15. No segundo ato o artista/apresentador entrevista por volta de cinco mulheres enquanto as desenha seminuas, geralmente com os seios aparentes.
16. As perguntas realizadas neste ato, em geral, tem relação com as características culturais da cidade objeto, ou com as mulheres dessa cidade. São feitas perguntas como "É justa a fama de preguiçoso do baiano?" "Ser moleca é uma coisa sua ou é uma coisa da mulher baiana?". Também são feitas perguntas pessoais como "Qual a sua relação com o seu corpo", "Qual o seu lugar preferido em Floripa?".
17. O segundo ato costuma durar por volta de 12 minutos, finalizado pela escolha da mulher a ser retratada.
18. No terceiro ato ocorre o ensaio com a mulher escolhida. Em alguns dos episódios é escolhida locação com relevância histórica ou cultural para a cidade, como no caso do episódio realizado no Rio de Janeiro, em que o ensaio ocorre em uma favela. Outras vezes essa relação da locação com a cidade objeto não fica tão clara, por exemplo em São Paulo onde o ensaio é realizado em uma casa noturna.
19. Durante o ensaio, o artista continua entrevistando a retratada, em regra abordando os mesmos temas do ato anterior, mas incluindo perguntas mais pessoais e com conteúdo mais sexual, tais como "Você já transou na praia?" "Você tem algum fetiche?" "Você tem vontade de transar todo dia?".
20. Vale destacar que as poses da retratada, nesta etapa, envolvem, frequentemente, nudez total.
21. O terceiro ato tem uma duração aproximada de 13 minutos.
22. Outro aspecto importante é que aquilo que no argumento foi descrito como quarto e quinto atos, referentes aos depoimentos da mulher retratada e do artista são mesclados ao longo de todo o ensaio. Assim, a estrutura dos episódios poderia ser resumida, na verdade, em 4 atos: o primeiro faz uma introdução e mostra cidade, o segundo mostra a escolha das mulheres, o terceiro o ensaio com a escolhida e depoimentos e o quarto seria uma conclusão mostrando a pintura produzida e a próxima cidade a ser visitada.
23. Esse último segmento da obra tem duração entre um e dois minutos.

DO CUMPRIMENTO DO OBJETO

24. Analisada a obra efetivamente produzida, resta discutir se esta obra está de acordo com a descrição aprovada pela ANCINE.
25. Em um primeiro momento, é preciso indicar que, à luz do que foi colocado no 1º argumento, há um descompasso entre o descrito e o produzido. Como no 1º argumento não fica claro que há proposta sensual, e esta característica fica evidente na obra, é possível argumentar que a obra descumpra o proposto naquele documento.
26. Entretanto, em relação ao segundo argumento apresentado, aquele juntado na análise complementar do projeto, já não há essa disparidade entre o descrito e o efetivamente produzido.
27. Como o 2º argumento demonstra que haverá sensualidade e erotismo nos ensaios, indicando, inclusive, nudez, entende-se que não há descumprimento. A brevidade e a

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM:	CDI / SFO
		NÚMERO:	02/2014
		DATA:	17/09/2014

abstração do argumento devem ser levadas em consideração na análise, sendo certo que a partir do mesmo argumento poderiam ser feitas obras audiovisuais variadas, todas adequadas à proposta inicial.

28. Destaque-se que a obra tem por enfoque principal os ensaios sensuais envolvendo nudez, mas a abordagem da cultura local através de entrevistas e das locações é bem trabalhada na obra, entendendo-se, por isso, que houve respeito ao argumento aprovado.
29. Entende-se, portanto, que, em relação à Primeira Temporada de Mulher Arte, não há descumprimento do objeto, por haver adesão, especialmente, ao 2º argumento apresentado.

6. DO ARGUMENTO DA 2ª TEMPORADA

1. O argumento, **apresentado na fase de aprovação do projeto da 2ª Temporada**, realmente não elabora o suficiente a questão do erotismo. O Mesmo ocorre com o argumento apresentado na solicitação de análise complementar do projeto.

DA SINOPSE

2. Nos termos da sinopse apresentada: "*Segunda temporada da série documental que mistura artes, paisagens, hábitos e crenças sob o olhar multifocal do artista plástico Pedro Henrique Moutinho, que percorre 10 cidades do país em busca da beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local*".

DO 1º ARGUMENTO – APRESENTADO NA APROVAÇÃO

3. Já o argumento descreve uma obra que busca determinar se "*as diferenças culturais e étnicas de cada região do país seria capazes de forjar brasileiras igualmente diferentes, ao mesmo tempo guardando entre si características comuns*". **A partir desta premissa, a séria permitiria "um artista dar vazão a sua criatividade através de seu olhar único sobre cidades e mulheres distintas para pintar um rico, criativo e lindo painel sobre a mulher brasileira, ou melhor, da diversidade da mulher brasileira"**.
4. Ainda segundo o argumento, **a abordagem principal seria "a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crenças, religiões, hábitos e costumes, retratando, a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada"**.
5. Ao descrever esquematicamente cada episódio, relata-se como estes sempre começariam "*com o nosso personagem, o artista plástico, descobrindo uma cidade a partir de sua história, seus principais pontos turísticos e principalmente desvendando a importância do papel feminino na cultura do lugar*". Relata-se então que em cada cidade visitada, far-se-á um exercício para buscar uma ligação sociocultural com algumas características da mulher local. Como exemplo cita-se: "*Como falar de Curitiba sem falar da sua influência europeia enraizada, costumes e olhos azuis ou falar de Ouro Preto sem citar o movimento da Inconfidência Mineira e sua expressão máxima da liberdade que impactou a todos nós brasileiros*".
6. Na segunda parte de cada episódio o artista iniciaria a seleção de mulheres que em seu julgamento melhor representariam cada cidade, para iniciar seus ensaios e entrevistas, "*tudo de maneira descontraída, buscando o encontro da beleza e personalidade que faça de alguma maneira a representação de cada local*". Na terceira parte ocorreriam o ensaio e a entrevista com a selecionada, abordando-se o relacionamento destas pessoas com a região e suas questões culturais. A quarta parte seria composta pelas impressões tanto do artista quanto da entrevistada sobre a experiência e o confronto ou encontro de sua visão com a exposta por aquele. Ao final de cada episódio, o artista destacaria seus desenhos preferidos, técnicas utilizadas e sua experiência com as entrevistadas.

DO 2º ARGUMENTO – APRESENTADO NA ANÁLISE COMPLEMENTAR

7. O argumento apresentado na solicitação de análise complementar da 2ª temporada nada acrescenta, tratando-se de mera reedição do apresentado anteriormente.

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM:	CDN SERVICIOS
		NUMERO:	02/2014
		DATA:	17/09/2014
			

7. DA ANÁLISE

1. Em ambos os casos, 1ª e 2ª temporadas, o argumento descreve uma obra documental que misturaria arte, paisagens brasileiras, costumes, hábitos e crenças do povo de cada região do país, tendo como fio condutor a mulher brasileira e sua beleza. O Argumento permite perceber certa erotização, mas, **ao menos no que se refere aos argumentos apresentados durante a fase de aprovação de ambos os processos, não houve menção à nudez**, somente à escolha de diversas mulheres como personagens do documentário e à elaboração pelo artista de desenhos sobre estas mulheres.
2. Opina-se que o argumento extremamente genérico da fase de aprovação do processo de ambas as temporadas **não chega a ser descumprido**, ao menos quanto ao conteúdo da obra. Ademais, o 2º argumento apresentado no projeto da 1ª Temporada, por ocasião da análise complementar, faz menção direta às cenas de nudez. Há, portanto, cumprimento do objeto.
3. Da mesma forma, **o conteúdo erótico da obra não é proibido pela legislação e normativo existentes, não havendo vedação do uso de incentivos fiscais federais para a produção de obras audiovisuais que apresentem erotismo**. Nem se trata de obra pornográfica, que não poderia ter recebido tais incentivos, pois nos termos da portaria nº 342/2009 da ANCINE, obra audiovisual pornográfica é aquela constituída principalmente por exibição explícita de atos sexuais com a exposição de órgãos genitais.
4. Por tudo o que consta dos autos, a obra também atende aos critérios de obra brasileira independente. Sob todos estes aspectos não há o que se dizer sobre uma possível revisão do deferimento ao projeto.
5. Resta uma única outra questão, e também neste caso não se julga haver alguma irregularidade: o mecanismo de incentivo utilizado, o art. nº 39, X, da MP 2.228-1/2001.

6. Nos termos da IN nº 46 da ANCINE, que regulamente o referido mecanismo de incentivo:

"Art. 2º O investimento se fará em projetos de:

I - produção ou co-produção de obras cinematográficas e videofonográficas de longa, média e curta-metragem; ou

II - co-produção de telefilmes; ou

III - co-produção de minisséries; ou

IV - co-produção de programas de televisão de caráter educativo e cultural.

parágrafo único. É vedado o investimento em obras audiovisuais de natureza publicitária."

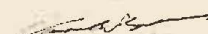
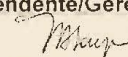
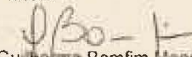
7. **A obra em sua segunda temporada** foi aprovada como um **documentário seriado**, com destinação inicial para a TV Paga, e a princípio, portanto, **atendendo aos requisitos do mecanismo de incentivo ao enquadra-se no inciso III do art. 2º** acima transcrito. **Da mesma forma, a 1ª Temporada** recebeu esta classificação em seu CPB (fl. 146) e está sendo exibida como tal, conforme grade da HBO juntada ao processo à fl. 145.
8. Opina-se que a classificação como obra documentária está correta, pois nos termos da Portaria nº 99 da ANCINE, de 05 de abril de 2013, no item 269 do glossário, obra audiovisual do tipo documentário é aquela: ***Obra audiovisual não seriada ou seriada organizada em temporada única ou em múltiplas temporadas, que atenda a um dos seguintes critérios: a) ser produzida sem roteiro a partir de estratégias de abordagem da realidade, ou; b) ser produzida a partir de roteiro e cuja trama/montagem seja organizada de forma discursiva por meio de narração, texto escrito ou depoimentos de personagens reais.***
9. Por todas as suas características apresentadas, a Obra se enquadra na segunda hipótese da definição. Como demonstrado supra, na parte 5 desta Nota Técnica, a 1ª Temporada

ancine Agência Nacional do Cinema	NOTA TÉCNICA	ORIGEM: CDI / SFC
		NÚMERO: 02/2014
		DATA: 17/09/2014

atende aos requisitos normativos, sendo uma obra produzida com base em roteiro estruturado para cada episódio em 05 (cinco) partes, com conteúdos bem definidos e organizados, de forma discursiva por meio de depoimentos de personagens reais, não havendo porque imaginar que a 2ª Temporada será diferente.

8. CONCLUSÃO

1. Em face do exposto, considera-se que é exata a classificação da obra como do tipo documentário e, portanto, o mecanismo de incentivo fiscal utilizado (art. 39, X, da MP 2.228-1/01) é adequado para a captação realizada. Ademais, não se encontra no normativo existente qualquer vedação ao conteúdo erótico apresentado, nem se considera que seja o caso de descumprimento do objeto do projeto.
2. À Consideração Superior.

ASSINATURAS	
Elaboração	Superintendente/Gerente/Coordenador
 Eduardo Stopato da Fonseca Especialista em Regulação Eduardo Stopato da Fonseca Especialista em Regulação ANCINE / SIAPE n.º 021198977	 Myriam Assis de Souza Coordenadora de Análise de Projetos
 Guilherme Bomfim Mendes Especialista em Regulação	Myriam Assis de Souza Coordenadora de Análise de Direitos ANCINE / SIAPE n.º 1414127

6. RELATÓRIO E VOTO DIRETORIA COLEGIADA



Agência Nacional
do Cinema

Processo: 01580.038961/2014-80
Projeto: "Mulher Arte – 2ª Temporada"
Proponente: Santa Rita Filmes EIRELI – ME
CNPJ: 15.479.865/0001-50
Diretora Relatora: Rosana dos Santos Alcântara
Data: 10/12/2014



RELATÓRIO E VOTO

1. Trata-se de solicitação de Análise Complementar referente ao Projeto "Mulher Arte – 2ª Temporada" (doravante referido como "Projeto" ou "Obra"), proposto pela Santa Rita Filmes EIRELI – ME (doravante referida como "Proponente").
2. Em 25/06/2014, foi publicada no Diário Oficial da União, Seção 1, p. 09, a aprovação do Projeto, autorizando a Proponente a captar recursos através do mecanismo previsto no art. 39, inciso X da MP 2.228-1/2001 (fl.32).
3. Em documento datado de 21/07/2014 e acostado à fl. 37, a Proponente apresentou pedido de análise complementar e solicitou a "transferência dos recursos da conta de captação 16342-2 para a conta de movimentação 16343" (1ª liberação de recursos).
4. Em 01/09/2014, a Superintendência de Fomento - SFO submeteu o pedido à aprovação da Diretoria Colegiada sugerindo sua aprovação, conforme Despacho de Análise Complementar 512/2014 (f. 143).
5. Em sua 538ª Reunião, realizada em 09/09/2014, a Diretoria Colegiada autorizou a Superintendência de Fomento a retirar o Projeto de pauta para realização de diligências.
6. Em 01/10/2014, a SFO exarou o Despacho de Análise Complementar 143/2014 (fl. 152), acompanhada da Nota Técnica 02/2014/CDI/SFO. Conforme consignado no referido Despacho:



"2 – Conforme itens 12-23 da Nota Técnica 02/2014, a obra apresenta a seguinte estrutura básica:

2 minutos iniciais – **Introdução com texto sobre a cultura local, exibição de imagens da cidade;**

14 minutos – entrevista com mulheres, onde são realizados desenhos com as **mulheres seminuas**

14 minutos – escolha da mulher para o ensaio, onde, **em grande parte do tempo, é feito com a mulher nua**. São realizadas algumas perguntas sobre a mulher local, a sua particularidade comparada as outras mulheres do país, onde ela gosta de namorar, que tipo de relação gosta de ter, entre outras.

O argumento apresentando para aprovação do projeto traz que 'A abordagem principal é a busca das belezas naturais por 10 cidades brasileiras sempre através do olhar multifocal do artista, que procura relações entre seu povo, crença, religiões, hábitos e costumes, retratando a partir de seus desenhos a mulher de cada região a ser desvendada'

Apesar de uma certa desproporcionalidade de tempo entre os elementos presentes no argumento e nos episódios finalizados, considera-se descartada a possibilidade de desvio de objeto da primeira temporada da obra, uma vez que a proposta apresentada na aprovação do projeto da primeira temporada foi cumprida e é semelhante com a proposta da segunda temporada.

3 – Devido à grande exposição de mulheres seminuas ou nuas nos episódios, questionou-se sobre o caráter pornográfico do projeto. **Consideramos, portanto, que a obra não se classificou como pornográfica.**" (grifo nosso)

7. Em 29/10/2014, na 545ª Reunião Ordinária de Diretoria Colegiada, esta Diretoria pediu vista dos autos, que assim foram encaminhados no dia 03/11/2014, conforme despacho do Secretário da Diretoria Colegiada 870/ANCINE/SDC/2014, de fl. 152.

8. É o relatório. Passo ao voto.

9. A questão central a ser analisada na presente solicitação de aprovação de análise complementar mora na possibilidade do Projeto tratar de obra com cunho erótico e/ou pornográfico. Conforme o título do projeto esclarece, trata-se da segunda temporada de uma mesma série, sendo que a primeira temporada foi realizada com recursos públicos obtidos através do mecanismo previsto no art. 39, X da MP 2.228-1/2001 (Processo 01580.017373/2013-21). Destaque-se que o processo referente à primeira temporada ainda encontra-se em fase de captação, conforme informação extraída do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura – SALIC, em 05/12/2014.



10. Tal possibilidade foi identificada por esta Diretoria Colegiada, por ocasião da solicitação de primeira liberação dos recursos necessários à produção da segunda temporada. A análise dos episódios da primeira temporada da Obra revelou alto cunho erótico, e possivelmente pornográfico, da obra audiovisual em questão.



11. Diante disto, a Superintendência de Fomento, através de sua Coordenação de Análise de Direitos – CDI realizou as diligências consignadas na Nota Técnica 02/2014 (fls. 147 a 146-v), com o objetivo de “análise do enquadramento da obra, partindo do pressuposto de que a 2ª Temporada seguirá proposta idêntica à da 1ª Temporada”. Trata, então, “dos argumentos de ambas as temporadas e da obra efetivamente produzida na 1ª Temporada, para na sequência analisar a 2ª Temporada quanto à sua compatibilidade com os mecanismos de incentivo e à sua efetiva classificação enquanto obra audiovisual”.

12. Referida Nota Técnica conclui no sentido de que: (i) em relação à primeira temporada, o argumento “extremamente genérico (...) não chega a ser descumprido, ao menos quanto ao conteúdo da obra”, e que, em geral, (ii) “o conteúdo erótico da obra não é proibido pelo arcabouço normativo existente, não havendo vedação de uso de incentivos fiscais federais para a produção de obras que apresentem erotismo” (fl. 149).

13. Com a devida vênua à manifestação da CDI supracitada, é fundamental ao processo decisório desta Diretoria Colegiada que seja feita uma reflexão em relação aos pontos levantados, à luz das políticas públicas de fomento implementadas pela ANCINE e da legislação pertinente. Isto é, diante da possibilidade de tratarmos aqui do fomento público a uma obra de cunho erótico e/ou pornográfico, faz-se necessária uma abordagem minuciosa da matéria, principalmente em relação às finalidades dessas políticas.

14. Em relação à matéria de fato, destaca-se que:

- Segundo a sinopse da primeira temporada apresentada à ANCINE, trata-se de: *“uma série documental que mistura arte, paisagens brasileiras, seu povo, hábitos, crenças, tudo isso sob o olhar multifocal de um artista plástico que percorre o país em busca de um caminho para que se possa descobrir a beleza da mulher brasileira, espelhada*



em suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local. Brasil, um caldeirão de culturas e que uma de suas maiores riquezas encontra-se na diversidade de raças, povos e religiões. Um país miscigenado, onde a beleza se expressa também em suas mulheres” (fl. 02-v do Processo Administrativo - 01580.017373/2013-21, referente ao projeto da primeira temporada).

- Segundo a sinopse da segunda temporada apresentada à ANCINE, trata-se de: *“segunda temporada da série documental que mistura artes, paisagens, hábitos e crenças sob o olhar multifocal do artista plástico Pedro Henrique Moutinho, que percorre 10 cidades do país em busca da beleza brasileira, espelhada nas suas mais diversas semelhanças entre a região a ser desvendada e a mulher local.”* (fl. 02-v dos autos em análise);
- O argumento da segunda temporada (fls. 02-v a 05-v) discorre vastamente sobre explorações culturais que a obra pretende fazer, falando de cada cidade a ser explorada e as características que a distinguem, e o impacto desses aspectos nas mulheres de cada região; e
- Apesar das características da obra alegadas nos autos pela proponente e destacadas nos pontos acima, lembramos o já exposto no trecho destacado no item 6 supra, segundo qual a análise da obra revelou que um episódio de 30 (trinta) minutos contém 28 (vinte e oito) minutos de nudez (parcial ou total) e 02’ (dois) minutos de introdução com texto sobre a cultura local e exibição de imagens da cidade.

15. Ou seja, da análise da primeira temporada da obra depreende-se notória disparidade interna entre a exposição da nudez e os demais elementos relacionados pelo argumento, levando assim com que o centro organizador da narrativa seja primordialmente a exposição dessa nudez em si.

16. Note-se, ainda, que ao assistir a obra, fica claro para o espectador que o objeto principal abordado é a mulher e sua nudez, enquanto as referências culturais apontadas pela proponente nos documentos acostados aos autos pouco aparecem no produto final.

27



ancine

Agência Nacional
do Cinema

17. A partir destas considerações, partimos para uma análise guiada pelas conclusões da Nota Técnica 02/2014 produzida pela CDI, destacadas nos pontos (i) e (ii) do item 12 supra.

18. Começando pela segunda conclusão do despacho aqui destacada, de que "o conteúdo erótico da obra não é proibido pelo arcabouço normativo existente, não havendo vedação de uso de incentivos fiscais federais para a produção de obras que apresentem erotismo", verifica-se que não há, de fato, disposição normativa expressa contendo tal vedação. O que não quer dizer que o fomento a obras com finalidade precípua de exploração de conteúdo erótico ou pornográfico esteja dentro do escopo das políticas públicas que a Agência Nacional do Cinema – ANCINE tem o dever legal de executar, sendo recomendável a análise de cada caso.



19. Primeiramente, cabe lembrar que a intervenção estatal através do fomento a determinados setores tem o objetivo de "auxiliar o desenvolvimento e o exercício de uma atividade privada, que se supõe de interesse público, com meios públicos"¹. A partir do momento em que se implementa uma política pública de fomento a obras audiovisuais, é natural concluir que as finalidades desta política são atingidas quando realiza-se o interesse público que fundamentou a sua produção em primeiro lugar. Assim, no caso da ANCINE, é possível dizer que as suas finalidades que se referem à produção de obras audiovisuais (pois existem outras de naturezas distintas) atende ao interesse público no desenvolvimento do mercado, da promoção da cultura nacional e regional, na difusão do conteúdo brasileiro e no acesso a bens culturais, dentre outros.

20. Nesse sentido e diante das circunstâncias que o caso apresenta, revela-se necessária a reflexão desta Diretoria Colegiada sobre se a obra que se pretende produzir atende ao interesse público que guia as políticas implementadas por esta Agência.

(Handwritten mark)

¹ MEDONÇA, José Vicente Santos de. "Uma Teoria do Fomento Público: Critérios em Pro de um Fomento Público Democrático, Eficiente e Não-Paternalista", Revista de Direito da Procuradoria Geral do Rio de Janeiro, vol. 65, Rio de Janeiro, 2010, p. 118.



21. Diante da ausência de “exibição explícita de atos sexuais com exposição de órgãos genitais” – que já foi definido pela Portaria ANCINE 342/2009² como característica da obra audiovisual do tipo pornográfica –, pode-se descartar tal classificação, num primeiro momento. Como se sabe, as distinções entre pornografia, erotismo e conceitos afins são tênues e subjetivas.

22. No entanto, não se pode olvidar que o tratamento dado ao tema nas obras da primeira temporada que foram visionadas tem, no mínimo, um forte cunho erótico, ao tempo em que os episódios são majoritariamente compostos por interações entre um artista plástico e mulheres nuas ou seminuas, em poses sensuais, sendo muitos dos diálogos travados entre os personagens de cunho sexual. Registra-se aqui, ainda, a despersonalização e “objetificação” das mulheres retratadas.

23. Note-se que a legalidade de conteúdos eróticos e/ou pornográficos não está em questão aqui, mas sim, o emprego de incentivos fiscais federais na produção dos mesmos. Não obstante, a despeito de sua legalidade, esse tipo de conteúdo pode ser objeto de uma série de críticas em relação a suas características e efeitos. Para alguns teóricos, o discurso pornográfico enfatiza uma visão que reduz mulheres a objetos sexuais, podendo até estimular a violência de gênero e abusos físicos e psíquicos.

24. Segundo o jurista Owen Fiss, o discurso pornográfico (juntamente com o discurso de incitação ao ódio, por exemplo), por seus potenciais efeitos lesivos à esfera de debate, seria um dos casos que a intervenção estatal reguladora do discurso seria legítima. Segundo o autor, discursos deste tipo podem causar o que ele chama de “efeito silenciador do discurso”, que acontece justamente quando o acesso à informação ou a voz de minorias ou grupos estigmatizados são abafados pelo discurso dominante³. Assim, é possível concluir que, no caso da pornografia, a sua propagação tem o potencial de estimular a visão de que

² A Portaria 342, de 11 de dezembro de 2009 traz definições de uma série de conceitos-chave para a ANCINE, não vinculativos, com o objetivo de instruir a aplicação destes conceitos na operacionalização das funções da Agência.

³ FISS, Owen. “A Ironia da Liberdade de Expressão – Estado, regulação e diversidade na esfera pública”. Trad. Caio Mario Pereira da Silva Neto e Gustavo Binenbojm. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.



as mulheres são objetos sexuais, tendo assim, também, o potencial de estimular restrições aos seus direitos, de “silenciar” as suas demandas na esfera pública.



25. Ademais, analisando as características da obra no contexto da programação atual, é possível verificar a abordagem de localidades diferentes, que tende a se assemelhar a uma linha de programas hoje comum na televisão, que têm em comum a abordagem turística de diferentes locais. A partir do momento em que a Obra em questão resume a exploração de diferentes localidades do Brasil à sexualização das mulheres que representariam cada uma delas, é possível, ainda, induzir a sua associação com a prática de turismo sexual^{4 5}

26. Considerando essas questões, permanece dúvida razoável sobre se a Obra em questão atende ao interesse público embutido na política de fomento do audiovisual. Nesse contexto, não é demais lembrar que o fomento às atividades privadas tem por uma de suas características a *seletividade*, “o que importa dizer que a Administração pode selecionar atividades, regiões, perfis de entidades a serem fomentadas”⁶.

27. Ilustrativamente, cabe destacar que, segundo o art. 7º da MP 2.228-1/2001, a ANCINE dispõe de competência legal para estabelecer critérios para a aplicação de recursos de fomento e financiamento à indústria cinematográfica e videofonográfica nacional. Adicionalmente, conforme dispõe o artigo 6º da referida Medida Provisória, são objetivos da ANCINE: promover a cultura nacional e a língua portuguesa mediante o estímulo ao desenvolvimento da indústria cinematográfica e videofonográfica nacional; estimular a diversificação da produção cinematográfica e videofonográfica nacional e o fortalecimento da produção independente e das produções regionais com vistas ao incremento de sua oferta e à melhoria permanente de seus padrões de qualidade e estimular

⁴ Nesse sentido, a Organização Mundial do Turismo (OMT) (1995) define o turismo sexual como “viagens organizadas dentro do seio do setor turístico ou fora dele, utilizando, no entanto as suas estruturas e redes, com a intenção primária de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino”. Ryan (2001) por sua vez, entende que se trata de um tipo de turismo onde “o motivo principal de pelo menos uma parte da viagem é o de se envolver em relações sexuais. Este envolvimento sexual é normalmente de natureza comercial”.

⁵ Nesse sentido, a Política Nacional do Turismo, conforme disposto na Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, art. 5º, inc. X, tem entre seus objetivos “prevenir e combater as atividades turísticas relacionadas aos abusos de natureza sexual e outras que afetem a dignidade humana”.

⁶ Nesse sentido, MEDONÇA, José Vicente Santos de., op. cit., pp. 171-172.

a universalização do acesso às obras cinematográficas e videofonográficas, em especial as nacionais, dentre outros.

28. Já em relação à segunda conclusão extraída, no sentido de que “o *argumento extremamente genérico da fase de aprovação do projeto da obra não chega a ser descumprido, ao menos quanto ao conteúdo da obra*”, temos que ela se dá diante da comparação do segundo argumento apresentado pela proponente (na fase de análise complementar da primeira temporada), com os episódios que compõem a primeira temporada da obra. Segundo a mesma Nota (fls. 148 e 148-v):

*“como o segundo argumento demonstra que haverá sensualidade e erotismo nos ensaios, indicando, inclusive, nudez, entende-se que não há descumprimento. **A brevidade e a abstração do argumento devem ser levadas em consideração na análise, sendo certo que a partir do mesmo argumento poderiam ser feitas obras audiovisuais variadas, todas adequadas à proposta inicial**”.* (grifo nosso)

29. Note-se que foi feita tão somente a comparação entre argumento apresentado e episódios produzidos, de forma que a própria área técnica atesta que o argumento, em si, não poderia dar previsibilidade exata da obra que seria apresentada.

30. Contudo, como trata-se de duas temporadas, onde o presente trata do projeto para a segunda, suscitou observações acerca da primeira temporada, que serão objeto de análise futura pelas áreas técnicas.

31. Por todo exposto, entendo que a Obra em questão não se alinha às referidas finalidades, votando pela **não aprovação** do pedido de análise complementar em epígrafe, e pelo consequente encaminhamento dos autos à Superintendência de Fomento para o cancelamento do projeto, em caso de concordância desta Diretoria.

32. É como voto.


Rosana dos Santos Alcântara
Diretora



NUP 01580.019075/2015-38

Despacho nº 179 / 2015 / CPC / SFO / ANCINE

Rio de Janeiro, 24 de março de 2015.

À
SGI / GAD / CDA / PROTOCOLO

Assunto: Projeto: Mulher Arte
SALIC: 13 – 0282
Processo: 01580.017373/2013-21
CNPJ da Proponente: 15.479.865/0001-50

Caros,

1. Verificamos, nesta data, que a empresa proponente do projeto acima identificado alterou seu nome de Marcelo Braga Cardoso da Silva para SANTA RITA FILMES EIRELI ME, conforme pode ser verificado nas informações constantes no registro da empresa, obtidas através do SAD (anexo) – não houve alteração do CNPJ. O nome da proponente já foi alterado também no SALIC (anexo), faltando apenas corrigir essa informação na etiqueta dos volumes do processo.
2. Diante disso, solicitamos que o nome da proponente seja alterado e novas etiquetas sejam emitidas para os dois volumes do processo.
3. Encaminhamos junto a este Despacho o segundo e último volume deste processo, conforme solicitado.
4. Solicitamos urgência na mudança, uma vez que este processo necessita entrar na pauta da próxima reunião da Diretoria Colegiada.

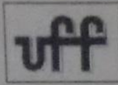
Atenciosamente,

Maurício Bortoloti
Coordenador de Prestação de Contas

Em 25/03/2015, o interessado foi atendido conforme solicitações acima.

RAFAEL DA SILVA PEREIRA
Técnico Administrativo
ANCINE / SIAPE nº 1764640

Pág. 1 de 1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 03/08/2018

Eu, **MARIANA DOS SANTOS SOUTO**, CPF 014.139.341-61, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada "**As representações eróticas e pornográficas femininas para a ANCINE. Estudo de caso: "Mulher-Arte" – 1ª e 2ª temporadas**" defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

Mariana dos Santos Souto

MARIANA DOS SANTOS SOUTO